

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE BACHAREL EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**Observando a Palmitagem?: Percepções de relacionamentos inter-raciais entre membros de um grupo afrocentrado do Facebook**

Autora: Naiara Vieira Da Silva Coelho

MACEIÓ – Al

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE BACHAREL EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Autora: Naiara Vieira Da Silva Coelho

**Observando a Palmitagem?: Percepções de relacionamentos inter-raciais entre membros de um grupo afrocentrado do Facebook**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas/UFAL, como parte do requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Nádia Elisa Meinerz

MACEIÓ – Al

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 18 (DEZOITO) dias do mês de FEVEREIRO do ano de 2020, às 15:00 horas compareceu perante a banca Examinadora o(a) aluno(a) NAIANA autor(a) do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC intitulado

OBSERVANDO A PALMITAGEM? PERCEPÇÕES SOBRE  
RELACIONAMENTOS INTER-RACIAIS ENTRE MEMBROS DE UM GRUPO

sendo a Banca Examinadora constituída pelos professores: Nódia

Elisa Meinerz (orientador/a), Regina

Trindade Lopes e Débora Alletronalt

AFROLEN-  
TRAD O DO  
FACEBOOK

que atribuíram respectivamente as seguintes notas: 1º examinador OITO (8,0), 2º examinador OITO (8,0), 3º examinador OITO (8,0), cuja média aritmética é OITO (8,0), tendo a referida banca considerado(a) aprovado(a) e apto(a) para a Colação de Grau de BACHA REL em Ciências Sociais.

E por estar conforme, eu \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ técnico do Instituto de Ciências Sociais lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos membros da banca e pelo Diretor do Instituto de Ciências Sociais.

1º Examinador(a):

Nódia Meinerz

2º Examinador(a):

Regina Trindade Lopes

3º Examinador(a):

Débora Alletronalt

Diretor(a) do Instituto de Ciências Sociais

Coordenação do Curso de Ciências Sociais

## **Ficha Catalográfica**

Ficha Catalográfica elaborada de acordo com os dados fornecidos pela autora

Coelho, Naiara Vieira da Silva

Observando a Palmitagem?: Percepções de relacionamentos inter-raciais entre membros de um grupo afrocentrado do Facebook

Orientadora: Dra. Nádia Elisa Meinerz

TCC (Graduanda em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Alagoas

1. Grupo afrocentrado 2. Relacionamento inter-racial 3. Racismo 4. Ciberespaço 5. Mulheres negras.

À todas às pessoas africanas em África e diáspora.

## AGRADECIMENTOS

Sendo uma mulher africana em diáspora pindorâmica, eu agradeço primeiramente as minhas ancestrais de África. Dedico essa obra a todos os povos negros que vieram antes de mim e também aos que ainda virão. Assim como agradeço igualmente a todas as etnias indígenas do país que nasci, toda gratidão e respeito pelas lutas dessas pessoas, porque se eles não tivessem resistido, eu não estaria aqui fazendo o que acredito. Gratidão à minha família, inclusive aos que não gostaram da escolha que fiz, pois, fui ensinada a lutar pelos meus ideais e não desistir das coisas que fazem-me feliz. Gratidão em especial para a minha avó Áurea que sempre acreditou em mim e por ter sido a pessoa que mais apoiou minhas escolhas.

Muito envaidecida fico ao saber que encontrei bem mais que amigos na Universidade, encontrei irmãos. Aproveito também, para agradecer ao grupo que fortalece outras pessoas negras num ambiente por vezes hostil e de imensa competição, que é o campo acadêmico. Portanto, gratidão a todas as pessoas que integram a ANU (Associação de Negras e Negros da UFAL), grata sou por todas as ricas trocas de afeto, conhecimentos e valiosos momentos vivenciados desde 2017.

Aos colegas de curso, todo meu respeito, admiração e carinho por todas as conversas, indicações de leituras, eventos e muito mais. Aos técnicos, sou muito grata, e agradeço em especial ao Senhor Gonzaga e ao Diego por serem muito prestativos e solidários com os estudantes, assim como as pessoas da secretaria como a Arielle e o Leilan, e da direção como as servidoras Ana Paula e Rosa. A todo o corpo docente do curso, o meu muito obrigado por cada aula, evento e momentos inspiradores, onde foi-nos lembrado com amor e dedicação que devemos resistir as tentativas constantes de destruição do ensino público de qualidade. Todos os professores ensinaram algo a ser levado para sempre em minha trajetória.

A minha orientadora, sou grata por ter acreditado em minha pesquisa, sou grata a Nádia por ter acolhido e respeitado as minhas ideias com suas conversas leves e afetuosas. Talvez um dos maiores ensinamentos que levo para vida, é o dever de policiar-me para (ser explicativa) falar de modo acessível, para que eu faça-me entender e todas as pessoas possam dialogar.

Gratidão a todas as teóricas negras cujos nomes tatuei em meu coração, para eu lembrar que não sou serva nem escrava de nenhuma corrente de ferro nem de pensamento. Para que eu sempre possa ir além e utilizar as diversas teorias que possibilitam-me excelentes reflexões sobre determinadas circunstâncias, e que eu não seja uma autora hipócrita. Esse trabalho só foi possível graças a boa vontade das pessoas que compõem o campo virtual em que atuei como observadora,

gratidão a todas as pessoas que integram o grupo *Pretoteca*. Pois sem o apoio de pessoas solícitas, eu não poderia iniciar um trabalho de campo. Se os membros não se sentissem bem com o fato de haver pessoas nesse espaço como pesquisadoras. A atitude de apoiar uma pessoa negra é agir com irmandade, pois, se tem algo que jovens negros fazem todos os dias é resistir. Agradeço à todas as feministas negras e mulheristas africanas de todo o universo.

Agradeço infinitamente ao elo de amigos que assim como eu, entraram na Universidade Federal de Alagoas no ano de 2016, e que mesmo dentro de muitas crises existenciais, financeiras e diversos medos e inseguranças, cada um de nós ajudamos uns aos outros, para que o sentimento de luta não fosse disperso. Para que as pessoas não desistissem de concluir algo que queriam terminar, a graduação. Essas pessoas foram importantes e também inspiradoras. Que mesmo em um ano de golpe e uma grande política de sucateamento da educação pública não deram-se por vencidas, nem trancaram as graduações que escolheram, a nossa vingança é dar certo e fazer o contrário do que o sistema que oprime e mata jovens pobres, indígenas e negros. E o que falamos sobre passar nos quatro anos de mandato do então eleito presidente em 2018? Relembramos que intelectuais resistiram em 1964 e que seríamos fortes para não desistirmos jamais. EleNão é capaz de destruir o conhecimento adquirido pelas aldeias, campos, favelas, quilombos e centros urbanos, sou grata pelas trocas de conhecimento multidisciplinar feitos com esses amigos.

Contudo, eu só tenho a agradecer, por estar ocupando um espaço de prestígio social em solo de Pindorama, sim Pindorama, é o nome do país de expansão continental, por muitos, chamado de Brasil. Pois bem, refiro-me ao país que nasci pelo nome como era chamado pelos povos de diversas etnias indígenas pindorâmicas, afinal, em qualquer lugar que eu vá nesse país latino, eu estarei em território indígena. Por fim, agradeço a todas as pessoas que lutam, pois o sentimento que carrego é de retomada, é preciso conhecer as nossas origens para amá-las e respeitá-las. Gratidão a todas as pessoas que lutam contra todas e quaisquer formas de discriminações, intolerâncias, opressões e racismos.

Que nós, as minorias, possamos cada vez mais ocupar as Universidades e todos os lugares. E a todos que compartilham do mesmo sentimento de que EleNão é nosso presidente! Meu total respeito e gratidão!

“Minha mãe, se chamou Tereza de Benguela  
Nem grilhão e nem cela  
Prende eu, sou que nem ela  
Minha mãe mandou força ancestral e nada mata ela  
Pantera preta, esse é o peso de cada pata dela  
Por mim nada trata ela, igual lata velha  
Ela é Maria, Afenia, Angela, Assata, Armélia”  
(Amiri – Pantera Preta)



## RESUMO

O presente estudo tem por tema os relacionamentos inter-raciais. O objetivo é explorar a apreciação dessas relações por pessoas negras, e a sua relação com as formas contemporâneas de valorização da negritude. Metodologicamente, é realizado um diálogo entre produções teóricas, pesquisas empíricas que trazem reflexões sobre as formações de famílias e casais inter-raciais e os dados obtidos através da observação de um grupo afrocentrado do Facebook. O material recolhido no campo revela uma depreciação das relações inter-raciais entre as pessoas que integram o grupo virtual pesquisado. A análise busca contextualizar o uso da palavra “palmitagem” a partir dos diferentes referenciais que vem sendo partilhados em suas dinâmicas de interação como a crítica à noção de democracia racial e a emergência da problematização da solidão da mulher negra.

Palavras-chave: grupo afrocentrado; relacionamento inter-racial; racismo; ciberespaço; mulheres negras.

## **ABSTRACT**

The present study is about the interracial relationships. The objective is to explore the appreciation of these relationship by black people, and their relationship with contemporary forms of valuing blackness. Methodologically, a dialogue is carried out between theoretical productions empirical research that brings reflections about the families formation and interracial couples and datas obtained through the observation of the afrocentric Facebook group. The material collected in the field, reveals the a depreciaton of the interracial relations with people of the virtual researched group. The analyze serch to contextualize the use of the word “palmitagem” from the different referenes that have been shared in their interaction dynamics such as the criticism of the notion of racial democracy and the emergence of problematization of the loneliness and black woman

**Key-words:** afrocentric group; interracial relationship; racism; cyberspace; black womans.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1. CONCEITOS, MÉTODOS E VÍNCULOS DIGITAIS</b> .....	<b>9</b>
1.1. Pretoteca.....	10
1.2. Controvérsias e “palmitagens”.....	13
<b>2. A CONSTITUÇÃO FAMILIAR</b> .....	<b>15</b>
2.1. Representação familiar e o debate sobre cor.....	16
<b>3. “PALMITAGEM” E A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA</b> .....	<b>23</b>
3.1. Relações raciais: Solidão da mulher negra.....	26
<b>4. RELAÇÕES INTER-RACIAIS E CASAIS NEGROS NAS MÍDIAS</b> .....	<b>31</b>
4.1. Ausência de casais negros em telenovelas.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Minha atenção pelo tema surgiu quando ficou explícito que grande parte dos membros do grupo afrocentrado escolhido como campo de pesquisa, já tinha opiniões formadas em relação ao modo de relacionamento afetivo-sexual ideal. No trabalho aplico atenção também para a questão da afetividade e solidão do povo negro. Assim como os debates em relação aos relacionamentos inter-raciais que são chamados de palmitagem<sup>1</sup> e como eles são vistos por quem não vive com um cônjuge branco e pelos que estão numa relação inter-racial.

Para tornar possível a compreensão de todo o contexto, o trabalho recorre à apresentação de alguns conceitos que têm grande importância para contextualizar a apreensão negativa acerca dos relacionamentos inter-raciais que é compartilhada nesse grupo de Facebook. Como veremos a seguir, as interações observadas com maior frequência remetem às discussões acadêmicas e políticas sobre o racismo brasileiro, democracia racial, branquitude, racismo e também a respeito da solidão da mulher negra.

A pesquisadora Lígia dos Santos Ferreira, que é doutora em estudos literários e atualmente professora da Universidade Federal de Alagoas. Quando em 2006, escreveu sobre a origem do conceito de negritude<sup>2</sup> no Brasil. A autora descobriu que o termo foi criado pelo poeta martinicano Aimé Césaire articulando três significados: o povo negro, a vivência íntima do negro, por fim, revolta e consternação. O autor fundou “uma nova poética, e, a partir dali, os primeiros textos da negritude seriam poemas em que o novo signo transitaria de maneira imprecisa” (FERREIRA, 2006, p. 170-1).

Lígia Ferreira (2006) explica que a palavra negritude esteve ausente dos dicionários brasileiros até o ano de 1975. A partir dessa data, houve a primeira edição do dicionário Aurélio, onde se encontra a definição sem indicação etimológica, como se pode ver abaixo:

1. Estado ou condição das pessoas da raça negra; 2. Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente (sic) na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura branca ocidental.

No período em que a autora escrevia o trabalho, a palavra “negritude” aparecia com certa frequência em obras de escritores brasileiros contemporâneos, assim como em trabalhos acadêmicos sobre história, cultura ou literatura negra no Brasil. Ainda salientou que, em um dos principais sites de busca da internet, no momento

---

<sup>1</sup> Palmitagem é um termo criado por mulheres negras brasileiras para referir-se aos relacionamentos inter-raciais de homens negros que se relacionam preferencialmente com mulheres brancas.

<sup>2</sup> A palavra original Négritude: “aparece pela primeira vez em Cahier d’un retour au pays natal (1939), considerado por André Breton como um dos maiores “monumentos líricos” em língua francesa, espécie de meditação poética e política, nas quais se entrelaçam, entre ruptura e programa, os fios de uma experiência pessoal e da existência torturada de uma raça”. (FERREIRA, 2006, p. 170)

em que escrevia sobre negritude registram-se 86.500 ocorrências apenas nas páginas brasileiras. Tanto no emprego erudito, como no popular, pois, segundo Lígia Ferreira, o conceito de negritude não se encontra nem fora de moda nem declinante, contrariamente ao que se dá na França. No grupo escolhido para a etnografia online, a palavra negritude aparece como um grande potencial para que as pessoas desse espaço aceitem-se como negras de forma plena, para que a branquitude não mostre-a como inferior. Esse conceito aparece com diversos discursos, ou seja, dentro da filosofia, psicologia, sociologia e outras áreas do conhecimento e sempre remete a ideia da necessidade que as pessoas negras têm de tomar consciência em relação a própria negritude.

Outro aspecto importante remete aos efeitos da tese freireana sobre a democracia racial. O autor Luiz Augusto Campos (2015), doutor em sociologia e professor pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ escreveu a respeito da negritude e da democracia racial em Guerreiro Ramos. Ele evidencia que a afirmação da negritude não implica no abandono do ideal da democracia racial. Em um texto de 1950, Guerreiro discorre que: “a cultura brasileira é humana, essencialmente católica, no sentido que nada do que é humano lhe é estranho” (RAMOS, 1950). Luiz Campos discorre que a sociologia e a antropologia são criticadas por Ramos, por produzirem certo saudosismo que em nada contribui para a assimilação do negro à cultura moderna e capitalista. E com o passar dos anos, Ramos permanece com a mesma ideia de aculturação, como fonte primeira do problema da sociologia do negro no Brasil.

O pensamento do Ramos (1950) obtém a desconstrução do “problema do negro” que passa a ser visto como uma ilusão, uma alienação produzida por uma sociedade que quer ser branca, sem nunca ter assim sido. Para Campos (2015) a afirmação da negritude é uma forma de romper dialeticamente com a patologia social dos brasileiros mais claros, os “brancos” a que Ramos faz referência. Por fim, Ramos permanece adepto à uma ideologia freyniana de democracia racial, mas vale ressaltar que:

a defesa do Ramos como niger sum<sup>3</sup> visava desvelar como o ideal da brancura permeia operando ideologicamente por detrás da apologia da mestiçagem. Uma vez que isso fosse percebido, a valorização o negro, mormente em sua estética, faria o Brasil se reencontrar com sua autenticidade cultural, consigo mesmo. (CAMPOS, 2015, p.102)

Lourenço Cardoso (2008) escreveu sobre a branquitude, retomando obras de Guerreiro Ramos em que sustentou a teoria de que as relações raciais no Brasil são na verdade uma abordagem unilateral, feita por prestigiados pesquisadores brancos, preocupados em analisar o “problema do negro”. Dessa forma fica

---

<sup>3</sup> O autor Luiz Campos explica que niger sum é um expediente epistemológico, ideológico, político e ontológico. Para Guerreiro Ramos (1950), não haveria a possibilidade de observar o mundo que constitui quem “eu sou” (sum). (CAMPOS, 2015, p.101) Na página seguinte o autor revela que entende-se melhor quando compreende-se que o niger sum é um expediente eminentemente ideológico, psicológico e superestrutural a ser liquidado pelo niger sum não é o branco ou o ideal da mestiçagem, mas o ideal da brancura que nos torna incapazes de reconhecer nosso caráter intrinsecamente mestiço.

evidenciado que a teoria antirracista, de modo geral, restringiu-se em pesquisar o oprimido e deixando de lado pesquisas sobre o opressor. Nesta obra de 2008, Lourenço revela que a branquitude é um lugar de prestígios simbólicos, subjetivos e objetivos e estudos sobre a branquitude, no Brasil e em outros países, existe o consenso de que a identidade racial branca é diversa. Em resumo, a branquitude procura se resguardar numa suposta ideia de invisibilidade, ao agir assim, ser branco é o padrão de normalidade. (CARDOSO, 2008, p. 611)

A exemplo da tese de doutorado da socióloga Bruna Pereira (2019), o trabalho aqui apresentado emprega um recurso frequentemente utilizado por intelectuais negros/os. Essa estratégia textual é chamada pela autora de metodologia disruptiva, “é uma forma de explorar o poder da ironia, da poesia, do fantástico e do sórdido para tornar visíveis aspectos naturalizados da opressão racial e de gênero” (2019, p. 54). A metodologia disruptiva aparece nas epígrafes e ao longo dos capítulos desse trabalho, onde textos fazem referências implícitas ou explícitas ao conteúdo abordado, mas não são explorados em seus significados, portanto, essa tarefa é colocada para a pessoa que lê a obra.

Visto que a branquitude não está acostumada a ser marcada, toda a vez que esse trabalho tiver argumentos de pessoas pesquisadoras brancas, elas serão apontadas como pertencentes a branquitude. Apenas as pessoas negras não serão marcadas pela sua pertença racial. No caso de a pessoas pesquisadoras não ter imagens do currículo lattes, nem mesmo apresentações em palestras ou qualquer imagem ou texto onde apresente sua autodeclaração, essa informação será passada através de uma breve nota de rodapé<sup>4</sup>.

Em 1995 o doutor em sociologia, autor branco Antônio Sérgio Alfredo Guimarães escreveu o artigo intitulado “*Racismo E Anti-Racismo No Brasil*”. Nesse trabalho, descreveu o embranquecimento e explica que seria um erro pensar que o pensamento antropológico do meado do século XX seguindo os passos de Freire, mudou radicalmente os pressupostos racistas da ideia de embranquecimento. O autor explica que essa ideia foi adaptada aos cânones da Antropologia Social, passando a significar a mobilidade ascensional dos mestiços na hierarquia social.

Guimarães (1995) conclui que os elos entre racismo e antirracismo fundam as relações raciais no Brasil. Por fim, informa em tom objetivo que os intelectuais brasileiros e latino americanos em geral, que passem a lutar contra o seu próprio racismo e não o do vizinho, pois o próprio racismo dos intelectuais cresce e é reproduzido através dessa forma, o embranquecimento. O autor destaca que “a ideia de embranquecimento foi

---

<sup>4</sup> Vale frisar que as pessoas lidas como brancas foram avaliadas como tais por conta do seu fenótipo, assim como, pessoas negras e pardas. No caso de pessoas de outras etnias são percebidas quando declaram-se pertencentes a essas outras comunidades, pessoas de demais etnias também terão suas origens apresentadas.

elaborada por um orgulho nacional ferido, assaltado por dúvidas e desconfianças a respeito do seu genial industrial, econômico e civilizado”. (GUIMARÃES, 1970, p. 37) O autor também escreveu sobre o mito da democracia racial que é um mito fundador da nacionalidade brasileira e deve ser denunciado pelo seu caráter “mítico” de promessa não cumprida. E o desafio das pessoas que lutam contra o racismo no Brasil, é justamente convencer a opinião pública do caráter sistemático e não-casual dessas desigualdades (ibid, 1970, p. 43). E mostrar as reproduções cotidianas do racismo, assim como as desigualdades que tornam a acessibilidade de pessoas negras não viável em diversos cargos e locais de prestígio social, como no campo educacional, habitacional, empregatício e os demais locais onde negros sempre são minorias.

Além disso, é importante destacar que o embranquecimento aparece como forma de suavizar a língua ao negar a negritude de uma pessoa negra e chamar a essa pessoa de parda, por exemplo. Lia Vainer Schucman, pesquisadora branca que trabalha na área da psicologia social, buscou entender o quanto disseminado o racismo é, e até onde ele se manifesta no interior das famílias inter-raciais. O estudo intitulado: *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista* (2012) foi tema de seu doutorado realizado na Universidade de São Paulo. Ela parte do pressuposto de que raça não é um dado biológico, mas uma construção social. Entrevistou 13 famílias de diferentes regiões do país com o objetivo de verificar como as hierarquias raciais da sociedade se reproduzem no interior da família cujos integrantes se auto classificam diferentemente em relação a raça.

Schucman (2012) recolheu muitos relatos onde o racismo prevalece mesmo que diante do afeto. A autora escreve, por exemplo, a história de uma universitária, filha de um homem negro retinto com uma mulher branca de olhos azuis. Essa jovem foi a filha que nasceu com pele mais escura e foi a que mais sofria por conta da tonalidade de sua pele. Conta que quando pequena, a mãe cantava assim: “Plantei uma cenoura no meu quintal/ Nasceu uma negrinha de avental/ Dança negrinha/ Não sei dançar/ Pega no chicote, ela dança já”. Schucman entendeu que além de racista, esta canção de ninar é também escravista. Essa jovem relatou que cresceu e a mãe brigava com ela, chamava-a de “macaca” e “preta fedida”. Dizia que ela tinha cabelo “ruim” como o do pai e batia nela quando ela chorava ao ser penteada.

Schucman (2012) mostrou ainda que essa mãe que era pobre, trabalhadora doméstica em Recife, usava a sua branquitude como único valor e instrumento de poder. A autora disponibilizou muitos outros casos onde o racismo é disfarçado, onde não se aceita nem mesmo falar a palavra negro, que para aceitar/amar a pessoa negra, a família trata a pessoa de fenótipo negro como “moreno” ou “pardo”. Diante desses dados, a autora fornece a compreensão de que é possível ser contra o racismo e achar que o racismo é um mal combatido e

essa mesma pessoa casa com um “negro” e, ainda continua sendo racista. Racista no sentido de hierarquização das pessoas a partir de suas características, achar o “cabelo do branco” “bonito” e o cabelo crespo ser intitulado como “feio”, o “nariz do branco” ser dito como bonito e o nariz achatado ser tachado de “feio”, e assim por diante. Por fim, a autora explica que se a família inter-racial é muitas vezes o espaço de convivências racistas, ela pode também ser um local de privilégio pra o acolhimento e criação de estratégias de combate ao racismo.

Por último, mas não menos importante destaco o livro da Ana Cláudia Lemos Pacheco que é da Universidade Federal da Bahia, sobre a afetividade e solidão da mulher negra. A obra é fruto da tese de doutorado da autora, que posteriormente foi lançada como livro: “*Mulher Negra: Afetividade e Solidão*” (2013) demonstra que a solidão afetiva das mulheres negras está associada não somente pela cor, mas também a outras intersecções como à geração, classe e poder. Essa questão está alicerçada pelo racismo, sexismo e outras formas de desigualdades que acometem mulheres negras. A obra evidencia que é necessário refletir sobre como as mulheres negras que vivem dentro de uma sociedade racista estruturalmente e, institucionalmente, nega a existência dessas mulheres como pessoas. E, por diversas vezes, coloca-as em posição de inferioridade ao serem objetificadas como se não fossem pessoas dignas de serem amadas.

O presente trabalho, é realizado a partir da observação de um grupo afrocentrado do Facebook, que aqui será utilizado o pseudônimo de *Pretoteca*, muito pude observar no campo a sensação de muitos integrantes que remetem-se a mestiçagem como forma de aniquilamento da população negra que envolve a escolha da/o parceira/o. O Pretoteca foi o grupo preferido para a pesquisa por ser um espaço composto por diversas pessoas negras das mais diversas idades, crenças e estados do país, onde a proposta do grupo é bastante importante, que é valorizar a negritude e compartilhar conhecimentos sobre África e os povos negros. A escolha desse grupo se deu por ser um ambiente onde são compartilhadas diversas postagens e um assunto em especial era bastante recorrente, e que de certa forma me causava um determinado desconforto pela forma em que os assuntos relacionados a casais inter-raciais são abordados.

Eu estou no grupo estudado antes mesmo de iniciar a presente pesquisa. Minha participação nessas interações virtuais é diária como uma pessoa também negra que gosta de presenciar e participar dos debates mais abordados para estar por dentro dos conceitos mais utilizados e estudados atualmente. O trabalho trata-se de um estudo qualitativo a respeito de qual perspectiva o relacionamento inter-racial é interpretado por membros de grupo afrocentrado no Facebook. A indagação aparece justamente como preocupação inicial dos integrantes desses espaços. Essa questão sempre é abordada, seja ao procurar referências em pessoas famosas da televisão, da música ou do futebol, onde as pessoas frisam que o número de casais onde ambos cônjuges são negros e ascendem socialmente é pequeno. E isso se dá por conta do preterimento do corpo negro, onde a



preferência dessas pessoas resulta também no que muitos atores da pesquisa preferem chamar de “auto ódio” (auto ódio por não aceitar seu fenótipo e não enxergar como belo seus iguais, esse é o argumento da grande maioria as pessoas do grupo).

O tema se justifica pela investigação a respeito da afetividade da população negra, onde foi observado especificamente a disseminação da palavra “palmitagem” para conferir sentido aos relacionamentos afetivo-sexuais com pessoas não negras. O assunto é pouco tratado mesmo nos grupos que formalmente constituem o movimento negro por conta do desconforto em articular questões íntimas/pessoais e políticas. Faz-se necessária a busca por compreensão desses sentimentos da população negra para falar de questões pessoais, principalmente sobre relacionamentos amorosos, assim como os papéis de gênero. Portanto, as buscas pelas informações para associar as categorias analíticas foram feitas com auxílio de um recorte, relacionado a observação da formação dos casais. Para tornar possível a elaborar ação de análises dos assuntos voltados para relacionamentos em grupos na internet.

O presente trabalho elabora uma abordagem acerca da pergunta: Quais são os significados atribuídos aos relacionamentos inter-raciais dentro de um grupo afrocentrado de interação virtual? Essa questão envolve uma análise que avalia as formas de trocas de conhecimentos e organização do grupo. O objetivo do trabalho é explorar os modos de afirmação da identidade negra a partir da distinção valorativa entre relacionamento inter-racial e mono racial negro<sup>5</sup> em plataformas de interação digital.

Realizada a etapa de escolha do problema de pesquisa e objetivo, a seleção de prints de postagens e conversas do grupo Pretoteca foi elaborada no período de três meses no ano de dois mil e dezenove, durante três meses, agosto, setembro e outubro. As postagens selecionadas para a pesquisa foram preferidas por apresentarem questões aos membros, que prontamente, respondem as provocações feitas, foram selecionadas duas postagens de cada um dos meses da observação, onde os assuntos debatidos foram palmitagem, família e solidão da mulher negra.

Com as postagens selecionadas é feita organização das mesmas, para ser realizado o diálogo com a literatura que vem explicando a questão da afetividade inter-racial com auxílio teórico de pessoas pesquisadoras como Hordge-Freeman (2015), Santos (2018) e outras, branquitude com autoras como Bento (2003) e Cardoso (2010) e a solidão da mulher negra com as autoras Pacheco (2013) e Souza (2008) e como

---

<sup>5</sup> Os casais inter-raciais por esse grupo questionados são os casais formados por uma pessoa branca e outra negra. Os casais mono raciais negros são casais onde os dois cônjuges são reconhecidos como negros. O conceito de raça aqui utilizado não é o conceito biológico, mas sim, sociológico como categoria considera a cor da pele, a textura do cabelo, o formado dos lábios e nariz como fenótipo que referencia uma distinção mais ampla entre brancos e não brancos (Nogueira, 1997).

todo esse debate acerca de relacionamentos inter-raciais conversa com a seletividade amorosa e preterimento da população negra.

Em relação a ética em pesquisa, dentro do campo virtual, foi tomado o cuidado de apresentar a proposta da pesquisa, assim como explicar quem é a integrante enquanto pesquisadora e meu vínculo com o grupo é antigo, o que possibilitou um olhar de dentro, porém com um distanciamento entre posicionamentos. Essa abordagem se insere numa problematização específica dessa área que é, como a pesquisadora branca Miriam Pillar Grossi (1992) escreveu, “construída a partir das especificidades de relação entre pesquisador que investiga um objeto similar a ele e do investigado que interage com o pesquisador” (GROSSI, 1992. P.8). Entretanto, merece destaque a dinâmica não exatamente pública que permeia as trocas nesse espaço. De antemão, é preciso frisar que assim como feito com nome do grupo, também foram criados pseudônimos para os seus administradores. Essa medida, ainda que não tenha a pretensão de resguardar o anonimato desses sujeitos, busca minimamente preservar uma identificação mais explícita da autoria das postagens e do próprio coletivo.

Trabalhar com o campo virtual é ter acesso ao espaço onde grande parte das pessoas sentem-se mais livres para falar abertamente sobre questões das quais provavelmente não falariam diante de outra pessoa estando perto fisicamente. O modo como se tem as interações no ciberespaço pode até ser vista como uma forma de contato superficial por não se ter o contato físico e o acesso a outros sentidos como ouvir a voz, olhar nos olhos da pessoa, ou poder tocar. Porém, mesmo assim, vejo um grande potencial nessas relações que acontecem por meio do ciberespaço, pois são interações reais onde se constrói diversos registros e se fala de todos assuntos como se não houvesse tabu algum para com certos temas.

A autora branca Vanessa Souza Pereira (2012) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentou o trabalho intitulado: “*A Emergência De Novidades Metodológicas No Campo Virtual: Uma Análise De Estudos No Ciberespaço*”, que foi apresentado como trabalho de conclusão de curso da até então graduanda do curso de Ciências Sociais da UFRGS. Neste trabalho a autora analisa questões que envolvem as novas abordagens do campo virtual, e seu objetivo foi conhecer estratégias metodológicas desenvolvidas na pesquisa e novos conceitos. Escreveu que a atividade científica está em busca por explicações e vai muito além de um padrão de modelos e normas, sendo mesmo diferentes as abordagens das ciências naturais e sociais. A autora escreve uma espécie de quebra da ideia de superficialidade, nas pesquisas que usam o campo do ciberespaço. A partir dos argumentos do pesquisador branco Joanatas Dornelles (2008), relatou que os ambientes virtuais podem também construir uma nova forma de registro de informação da memória

contemporânea e portanto, aos poucos a tensão entre o *online* e o *off-line* vai se desconstruindo, considerando-se o virtual como uma dimensão da realidade.

No que tange à minha participação nesse ambiente, eu destaco que mesmo contribuindo com minhas indagações ou questionamentos em algumas postagens, estas se perdem em face das muitas outras informações compartilhadas todos os dias. Assim, a percepção de minha atuação como pesquisadora, provavelmente, não foi muito percebida. Minha atuação iniciou após o pedido para realizar a pesquisa, que utilizaria o recurso da etnógrafa online como parte do método de abordagem empírica. O pedido foi aceito e obtive muitas mensagens de apoio.

O trabalho se organiza em quatro capítulos. No primeiro são apresentados alguns conceitos que são trabalhados ao longo dessa obra, além de informações necessárias para que a pessoa leitora possa estar atenta para algumas expressões utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. Aqui é explicitada a metodologia utilizada para recolher informações do grupo. Visto que se trata de um grupo intelectualizado, onde são realizadas trocas de notícias, documentários, filmes e principalmente PDFs de livros digitalizados.

No segundo capítulo são inseridos os debates mais pertinentes ao grupo. São apresentadas contribuições voltadas para as dinâmicas afetivo-sexuais da população negra, tal como a representação familiar e o que ela traz de interferência na vida dos sujeitos da pesquisa. Ressalta-se a forma como pensam sobre a escolha de uma/um possível parceira/o como e em que forma de relacionamentos buscam viver. É pensado também sobre como essas pessoas são tratadas nas diversas formas de relacionamentos. O terceiro capítulo apresenta o debate acerca das relações inter-raciais como ‘palmitagem’ e revela os debates acerca da solidão da mulher negra, dessa forma, são apresentadas as colocações realizadas por homens e mulheres do grupo e como a literatura aborda essas questões de gênero e relacionamentos.

O quarto discorre sobre a construção da imagem das pessoas negras na mídia brasileira. Pois, um fenômeno chamou a atenção de muitas pessoas que integram o grupo Pretoteca, e diante desse incomodo por parte também dos administradores, o assunto foi debatido por muitas pessoas ao longo do período em que a etnografia online foi realizada. Contudo, as histórias são muitas e através da internet as pessoas são bastante abertas e solícitas, foi bastante relevante realizar esse trabalho em termos de compreensão mais aprofundada e estudo de caso não foi possível. Através dessa pesquisa muito se perde conteúdo da individualidade das pessoas, pois cada trajetória é bastante diversa, porém, foi possível responder sobre o porquê da discórdia para com formações de casais inter-raciais. Por fim, a conclusão do trabalho é desfecho dessa longa jornada.

## 1. CONCEITOS, MÉTODOS E VÍNCULOS DIGITAIS

### “Retina Negra

Sou preta fujona/ Recuso diariamente o espelho/ Que tenta me massacrar por dentro/ Que tenta me iludir com mentiras brancas/ Que tenta me descolorir com os seus feixes de luz/ Sou preta fujona/ Preparada para enfrentar o sistema/ Empino o black sem problema/ Invado a cena/ Sou preta fujona/ Defendo um escurecimento necessário/ Tiro qualquer racista do armário/ Enfio o pé na porta e entro.” (Cristiane Sobral)

O poema da escritora Cristiane Sobral inspira-me ao utilizar sua escrita como forma de protesto, quando de modo suave coloca as palavras que traduzem sentimentos que mobilizam quem o ler. Como mulher negra e pesquisadora, devo defrontar-me ao formar imagens do que vejo e traduzir as cenas e cenários de forma mais fiel o possível. Ao colocar reflexões que pensam os povos negros no curso de minhas reflexões, é possível manifestar falas e vivências dos sujeitos da pesquisa. O autor Abdias do nascimento, na obra intitulada: “*O genocídio negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*” falou sobre os povos negros da seguinte forma: “Nós não podemos decepcionar os africanos e os povos negros... Os povos africanos e negros têm de ser reconhecidos como uma força com a qual o mundo tem que lidar.” (NASIMENTO, 1978, p.28).

Assim como o poema, muitas pessoas pretas a um longo período recusaram ver-se como pretas por conta de terem deixado que o sistema racista os fizessem acreditar que não eram belos e que eles realmente não deviam estar em certos locais. Este trabalho mostra história de pessoas que assim como este eu-lírico, recusa-se a deixar-se dobrar pela sociedade racista: pessoas que falam e querem ser ouvidas. Pessoas que dizem não à violência.

A organização de grupos afrocentrados<sup>6</sup> através das redes sociais pode por si mesma causar pouco estranhamento. Porém, a partilha nesses espaços de escolhas afetivo-sexuais e de conjugalidade, bem como experiências parentais revela alguns dos principais dilemas relacionados à valorização de uma pauta racializada no Brasil contemporâneo. O grupo estudado é um espaço privilegiado para trocas de afeto, conhecimentos, curiosidades, entre outras interações. Ao mesmo tempo, é importante destacar que esse trabalho envolve uma revisão da minha própria trajetória pessoal, mas não se trata de uma autoetnografia<sup>7</sup>, e, ao mesmo tempo, a

---

<sup>6</sup> O grupo afrocentrado é o espaço que comporta certa coletividade negra. É o lugar onde se discute temas como conhecimento afrocentrado, a descolonização, o epistemicídio, a luta anti-racista, criação de eventos voltados à questões étnico-raciais, entre tantos outros debates relevantes para desmascarar o apagamento da história dos povos negros.

<sup>7</sup> A autoetnografia pode ser usada como parte da metodologia de um trabalho que explica e fundamenta vivências complexas da pessoa que empenha esforços na escrita, e expõe suas experiências na análise para refletir criticamente sobre momentos pontuais aos quais a pesquisa reflete. (Simakawa, 2015).

interpretação de trajetórias diversas das minhas. São vivências que propõem uma reelaboração de minha percepção das histórias e realidades, um caminho que desafia a um autoconhecimento.

Neste capítulo, meu objetivo é explicitar as principais escolhas teórico-metodológicas e que proporcionaram pensar as relações afetivo-sexuais de pessoas com as quais não mantenho relações face a face e que eu tenho condições de descrever em termos sociológicos. No ambiente em que nos encontramos, nem sempre informados a residência (bairro/cidade/estado) ou sua inserção profissional. O que as aproxima é a possibilidade de compartilhar experiências em um espaço onde todos são unidos em prol de uma causa, que é o enaltecimento do povo negro.

Os relacionamentos inter-raciais onde a mulher negra está com homens brancos, é seguramente a localização mais indicada e problematizada ao longo desse texto, pois a maioria dos membros apontam casais inter-raciais onde a pessoa negra da relação é a mulher. Diversas outras questões serão expostas no decorrer deste trabalho, bem como os cenários relevantes para a compreensão das minhas opções e formulações, tais como as explicações acerca de termos utilizados por parte dos membros do grupo. Especificamente, meu objetivo é atravessar reflexões dos membros do grupo, assim como expor as referências teóricas, para que seja possível versar sobre as falas desses sujeitos com a literatura acerca de gênero, preterimento; cor/raça. E finalmente, elaborar um panorama de imagens que transpasse a apreensão da *palmitagem*, uma categoria utilizada para representar negativamente as relações inter-raciais.

### **1.1. PRETOTECA**

A obra intitulada "*Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*" foi organizada por dois antropólogos brancos Jean Segata e Theophilos Rifiotis 2016, onde todos os capítulos foram escritos também por autores brancos. A obra apresenta uma longa discussão acerca da existência de certa fronteira entre a antropologia e a comunicação através do ciberespaço. Por ser algo ainda novo, visto que a etnografia é por muitos, pensada como pesquisa de campo com o contato físico com pessoas e somente, (nada além desse contato humano, tal como aproximação virtual), neste modelo clássico. Porém, é possível realizar etnografia online. A comunicação é mediada pelo computador ligado à rede e torna-se viável pelo fato de o ciberespaço abrir portas para uma aproximação de ideias ao mesmo tempo em que há o afastamento físico, porém, as interações são reais e acontecem a todo instante. Nesse momento, faz-se necessário adentrar à teoria do antropólogo branco colombiano-americano Arturo Escobar, que escreveu o primeiro capítulo da obra, revisando as categorias de análises que estão sendo desenvolvidas sobre o impacto e o uso de novas tecnologias:

O questionamento da modernidade como cenário para a atual compreensão e prática da tecnologia é de vital importância entre os antropólogos. Neste sentido, a antropologia está mais próxima da filosofia do que da nova sociologia da tecnologia. De fato, a cibercultura fomenta uma reformulação da modernidade

em formas que já não são mediadas somente por considerações literárias e/ou epistemológicas. Se nossa Era é pós-moderna ou moderna modificada (“tardia”, “meta” ou “hiper”, como alguns propõem), é uma pergunta que não pode ser respondida antes de uma investigação sobre o estado e o estatuto atual da ciência e da tecnologia. (ESCOBAR 2016. p.26)

O campo cibernético promove comunicação de longo alcance, mas sabe-se que a internet pode provocar várias falhas de interpretação. Portanto, é necessário que o pesquisador tenha cuidado com a leitura que tem acesso. Fazer um estudo etnográfico no campo virtual tem a demanda extensa que cobra análise das mais diversas narrativas.

Os atores da pesquisa são membros de grupos do Facebook, onde muitos são militantes do movimento negro, e outros são membros que estão nesses locais para aprender mais sobre as lutas em prol da negritude ou mesmo para conhecer pessoas novas. Nem todos são membros assíduos, que sempre acompanham as conversas, mas o grupo é bastante movimentado e, em todos os dias da semana a interação é grande. Por dia são aceitas várias postagens, cerca de quinze a trinta publicações. É um grupo afrocentrado bastante intelectualizado. Para ingressar nele é necessário o envio de uma solicitação com a resposta para a pergunta dos administradores sobre o fenótipo da pessoa que quer entrar no grupo. É necessário também ter foto no perfil. Depois de alguns dias a solicitação enviada é analisada e a resposta emitida pelos administradores. É importante ressaltar que antes mesmo de pensar em realizar este trabalho, já era membro desse espaço. Mas a atenção para a pesquisa surgiu quando ficou muito nítido quais os assuntos que mais incomodavam as pessoas desse grupo virtual, as relações inter-raciais.

A proposta principal do grupo é o compartilhamento de uma literatura instrutiva para o povo preto, via PDF, para tornar mais fácil que as pessoas tenham acesso à produção intelectual sobre os povos negros. Como organizadores o grupo tem três homens e quatro mulheres. O grupo foi criado no dia dezoito de dezembro de dois mil e quinze<sup>8</sup>, e tem pouco mais de trinta e seis mil participantes. Já existe um grande número de obras no acervo do grupo. Nesse espaço, todos os dias são compartilhadas diversas informações sobre negritude, racismo, escritores de diversas etnias que falam sobre questões que envolvem raça, políticas, violência, além de outras notícias com relação a pautas negras e etc. Por dia são publicadas cerca de quinze a trinta notícias, a interação é grande. As notícias que mais chamam a atenção dos participantes são em relação a famosos que adentram em um relacionamento inter-racial, entre as notícias como denúncias de racismo, as que mais aparecem são casos de racismo religioso e empresariais.

Até o momento não havia usado o conceito "atores da pesquisa", pois nesse caso é necessário adentrar na

---

<sup>8</sup> Apesar de que na descrição do grupo é dito que foi criado no dia dezoito da mesma data.

crítica de um sociólogo também branco, Bruno Latour. Esse pesquisador faz a crítica a Teoria Ator-Rede (Segata e Rifiotis 2016). Onde é apresentada a noção de que não importam os atores em si, o que faz necessário evidenciar quais são os efeitos que esses “atores” fazem (ibid., 2016. p.105). Com a ideia de rede como sendo a própria internet no sentido latouriano é possível perceber os efeitos causados pelos atores, com essa estratégia metodológica torna-se viável reconsiderar a natureza da ação. Vale ressaltar também que a ação é pensada não apenas como prática dos humanos, mas também é cogitada como um efeito distributivo. No texto de Bruno Latour que compõe a coletânea de Rifiotis e Segata são abordadas as dificuldades da noção de vínculo para enriquecer a sociologia das redes que, até então, nos rendeu ótimos serviços, mas que começa a esgotar-se seriamente:

As redes – ou os rizomas – permitem não apenas distribuir a ação, mas também operar os desvinculamentos e as rupturas na proximidade e, inversamente, os revinculamentos na distância. Muito eficazes na redistribuição das forças, as redes, como vimos, já não o são para a renovação da teoria da ação própria a cada um dos nós. O acréscimo da palavra “ator” na formação do híbrido ator-rede não teve o efeito esperado, visto que colávamos uma sobre a outra as duas teorias da ação, uma oriunda da determinação e da estrutura, e a outra da liberdade e da subjetividade. Passar às redes de vínculos deveria nos permitir conservar o efeito de distribuição da rede, assim como de reforçar inteiramente a natureza e a fonte da ação. (LATOURE, 2016. p. 87)

De acordo com o pensamento latouriano, com o auxílio das redes é possível visualizar e liberar vínculos, tornar viáveis proximidades quando existe uma distância geográfica, por exemplo, através da rede é possível disseminar ações realizadas, assim como expandir a própria ação. Os vínculos criados através das interações digitais designam ao que se coloca em movimento, o que pode ser transmitido através dessas relações.

No ambiente da investigação, que é um grupo privado, há também uma triagem acerca dos conteúdos que podem ser postados. Todos os membros podem publicar o que bem queiram, porém, antes de aparecer para todos os demais participantes, o conteúdo postado fica restrito aos administradores. Sendo liberado apenas após sua análise que é feita pelos responsáveis do grupo e aprovadas, o grupo tem sete administradores que usam bastante o Facebook e portanto, os conteúdos que atentam para o que é permitido ser exposto, são rapidamente aprovados.

Sobre a natureza desses vínculos estabelecidos através do contato no Facebook, é importante destacar o sentimento compartilhado de pertencimento ao continente africano. Ele se torna mais evidente quando observamos a imagem pública do grupo, que é de uma família negra. Tem um homem que provavelmente é o pai, um menino de idade por volta dos oito anos, depois uma menina de idade parecida e por último uma outra criança que parece um pouco mais velha, digamos que deveria ter seus doze anos de idade. Parece uma família, é evidente que todos da imagem são negros e estão sentados em cadeiras dentro de um metrô e todos estão com

livros abertos, em uma apreciável leitura. Essa apreensão do grupo como uma espécie de família será mais bem desenvolvida a seguir. Por hora importa destacar o modo como o grupo se apresenta para os interessados do Facebook. As informações abaixo estão da forma que foram escritas pelos administradores responsáveis:

"A página Pretoteca, administrada por Abasi, Mahin, Abasi, Safira, Matwa, Aziza, Aysha e Ngozi. Foi fundado em 19/12/2013 e destina-se a publicações de livros, revistas, produções artísticas, culturais, profissionais, acadêmicas, textos de autoria própria dos participantes sobre temas variados relacionados aos pretos e pretas no mundo. Não é um grupo para se discutir de forma desrespeitosa e medir conhecimentos em debates. O importante é a postagem de documentos referentes a nossa história e contribuição para o desenvolvimento de um espaço que servirá para pesquisas acadêmicas, do ensino fundamental, médio e superior. É importante difundir conhecimento da nossa história para nossos irmãos e irmãs que detêm pouca informação sobre si mesmo, fazendo assim com que eles e elas comecem a admirar o povo preto. É fundamental a publicação de livros em PDF para que os membros aumentem seus conhecimentos sobre nós." (Administradores)

Interessante observar que o nome Abasi está repetido. Ele é o mediador que mais posta no espaço, e também, o mais atento as interações (brincadeiras, comentários e divergências). Acontece que o Abasi tem dois perfis no Facebook e esses dois perfis estão no grupo como administradores. Porém, Abasi utiliza apenas um dos perfis. Portanto, dos sete responsáveis pelo o que pode ser compartilhado nesse espaço, tem-se três homens: o Abasi, o Matwa e o Ngozi, e quatro mulheres, que são: Mahin, Safira, Aziza e Aysha. Dos homens, o mais assíduo é o Abasi, das mulheres a que mais aparece com postagens e comentários é a Mahin, e depois a Aziza que também comenta algumas das postagens feitas no grupo. Os demais administradores não aparecem muito com comentários ou publicações no espaço.

## **1.2. CONTROVÉRSIAS E “PALMITAGENS”**

O foco de minha análise é sobre controvérsias em torno do termo *palmitagem*. Essa palavra segundo Stephanie Ribeiro (2016) foi inicialmente utilizada por mulheres negras brasileiras para se referir a homens negros cisgêneros, heterossexuais que estão envolvidos afetivo-sexualmente com mulheres brancas, principalmente, por elas estarem numa situação de privilégio em relação à opressão de gênero. Contudo, observo que o seu uso vem sendo multiplicado para diversas outras situações, que não envolvem diretamente relações afetivo-sexuais. Por exemplo, para definir uma prática de pessoas negras que mantem relacionamentos inter-raciais, demarcando uma forma de inserir-se em locais embranquecidos. De modo geral, o que está em jogo é o apagamento das características negras como efeito das relações com brancos.

Das reações que podem ser dadas às publicações, existem seis opções: “positivo” que seria uma forma de explicitar que concorda com a postagem; pode receber a interação com “amei” que seria o caso onde a pessoa mostra essa reação porque concorda muito e gostou bastante do conteúdo compartilhado. Quando alguém reage com “haha” pode ser porque achou o conteúdo engraçado ou porque não gostou, como forma de ironizar a



publicação. Outra opção é a reação com “uau” que pode ser usado para algo hilário que chama atenção da pessoa internauta, ou mesmo quando o conteúdo a deixa sem reação, assim por dizer “chocado”, o que seria equivalente ao estado de espanto. Já as reações como “triste” e “grr” podem ser utilizadas como forma de apoio a alguma causa ou situação ruim ou até mesmo como forma negativa diante da postagem feita, quando a pessoa internauta não concorda com o conteúdo exibido. A imagem um apresenta os emojis de cada uma das reações que o Facebook tem atualmente.

Todas as postagens selecionadas receberam interações e comentários e essas reações dos integrantes do grupo apresentadas ao longo do texto. Cada uma das publicações selecionadas tem um número de reações e comentários que são feitos pelos membros do grupo, porém, cada comentário pode também receber respostas.

Imagem1



Fonte: Site Rock Content

## 2. A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

Para iniciar a reflexão deste capítulo, é de grande apreço buscar uma história literária escrita pela autora Patricia Santana. É uma história ilustrada que foi compartilhada no grupo da Associação de Negras e Negros da Universidade Federal de Alagoas no mês de novembro do ano de dois mil e dezenove. Através dela, é viável mostrar a importância de valorizar a negritude das crianças, no ambiente familiar é possível educar as crianças para que conheçam a verdadeira história de África, para além do que a história que os colonizadores contaram.

A importância de trazer essa narrativa, se dá pelo fato de poder levar experiências através da literatura infantil, situações das quais as crianças infelizmente estão expostas, também, essa história expressa em grande parte o que o grupo Pretoteca defende. Que é a imagem da família mono racial negra como poderosa em combater o racismo institucional e de outro lado, a família inter-racial que, na perspectiva mais ampla dos membros, não teria mecanismos de combater injúria racial ou o racismo. A escolha da história infantil foi feita por mim, para que através dela possam ser realizadas as análises com as histórias escritas pelas pessoas do Pretoca, de modo a explicitar os contrastes evidentes nas narrativas. E as diversas interpretações dos membros que compõem o grupo.

A construção da identidade é um processo que possui dimensões não apenas pessoais, pois, é preciso o contato com o outro. Para adentrar ao conceito acerca da construção de identidade, faz-se necessário utilizar teorias produzidas pelo autor branco, Manuel Castells (2018, p. 56), para esse sociólogo: “cada tipo de identidade leva a um resultado distinto no que tange à construção da sociedade”. Castells (2018) explicou as três formas e origens de construção de identidades, a primeira delas é a *identidade legitimadora* e ela é a que dá a origem a uma sociedade civil, o que gera a organização da sociedade (ibidem). O segundo tipo de construção, é a *identidade destinada à resistência*, ela leva à formação de comunas, ou comunidades. Ou seja, é a formação de comunidades que formam-se diante de uma opressão, que não seria suportável aos sujeitos de modo individual (ibid, p. 57).

O terceiro processo é o de construção de *identidade de projeto*, produz sujeitos. O autor explica que: “sujeitos são indivíduos, mesmo constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência.” Após feitas essas colocações, o sociólogo relatou que a construção desta terceira identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade. O exemplo mencionado é o de uma sociedade pós-patriarcal, resultando na liberação das mulheres, dos homens e das crianças por meio da realização da identidade das

mulheres (ibid, p.58). A identidade construída no grupo Pretoteca é o segundo tipo. A identidade de resistência, onde as pessoas negras buscam construir um coletivo para fortalecer toda uma comunidade, contra as desvalorizações das pessoas negras numa sociedade racista, que estigmatiza pessoas negras para manter uma lógica de dominação e constante exclusão.

Diante desse exemplo sobre a identidade de resistência, é importante lembrar a obra escrita pela jornalista Sandra Almada (2009), que tece a biografia do cientista social Adbias do Nascimento. Sandra escreveu que Adbias do Nascimento entende como “seus pares” os militantes da causa negra, que são pessoas que atuam no combate ao racismo. Pois, Adbias relatou para a jornalista que, enquanto houver um descendente africano nessa situação de pobreza, de miséria e de opressão, Adbias sente-se atingido, pois o racismo não é uma coisa pessoal, e sim coletiva (ALMADA, 2009). De acordo com a autora Sophia Serra (2016), a identidade negra “constrói-se gradativamente e está diretamente relacionada a família. Assim, com outras relações sociais que o indivíduo estabelece ao longo da vida”. Ou seja, o ambiente familiar é bastante importante na construção da identidade dos indivíduos negros para que eles possam ter uma base, onde possam reconhecer sua negritude (SERRA, 2016).

## **2.1. FAMÍLIA E A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE**

A obra escolhida para abrir essa seção tem como alvo o público infante-juvenil, a história tem como protagonista um garoto chamado Eno que vivenciou o racismo, junto ao ferimento da liberdade de expressão, por parte da conduta da professora de artes. A obra intitulada: "Minha Mãe É Negra Sim" foi escrita pela autora Patricia Santana e sua primeira edição pela editora Mazza Edições no ano de 2008.

A maior parte da história se passa na escola e na casa do Eno. O menino é descrito de forma bastante positiva, é dito que ele foi sempre um garoto amoroso, porém mudou de comportamento, passou a ficar isolado, após uma aula de artes, no dia que passou pelo preconceito racial na escola. Quando foi orientado pela professora a não pintar sua mãe na cor preta, mas sim com lápis de cor amarela. Ao chegar em casa, Eno não foi abraçar seu pai quando chegou, e foi ficar isolado no terreiro de casa, nem quis brincar com Simba, seu cachorro, nem foi almoçar. Nem comei paçoca que a tia tinha deixado para ele. Desde o dia em que a professora de artes deu a sugestão de que ele pintasse sua mãe de amarelo, com tom de dureza, o protagonista da história passou a ficar triste. Não quis desenhar mais nada nem pintar e a professora esperou pelo seu desenho que não fez. Os pais do Eno passaram a enxergar algo estranho no comportamento do filho, que nem queria ir à escola, pois sempre criava algum empecilho para faltar. Ele ficou muito triste pelos cantos e sempre pensando no sentido de tudo, pois ele é preto e seus pais também, e por isso, vivia a se perguntar o porquê de não poder pintar sua mãe de preto. Eno já não gostava de apelidos que alguns colegas o davam, todos nomes de bichos, mas penava que não poder pintar sua mãe de preto já era demais.

Passados alguns dias de silêncio, ele pediu ao pai para ir à biblioteca do bairro. O pai, satisfeito com a pequena mudança, permitiu. Quando na biblioteca, o garoto foi direto ao dicionário, procurar o significado da palavra preto. Como não encontrou coisas boas, achou tudo estranho. Diante desse achado, Eno voltou para casa muito triste, apesar de que queria ficar melhor porque justamente em dias de quintas-feiras, seu avô o faz visita. Quando Eno chegou em casa, seu avô já estava num banquinho

na frente da casa, e seu avô Damião percebeu a tristeza do seu neto. Logo o perguntou: "Que banzo é esse, menino?" Eno sabia que banzo era tristeza de preto, vinha do tempo da escravidão, a saudade da terra, o medo da solidão e outros mares..."

O protagonista dessa história, já não suportava tanto silêncio e resolveu contar ao avô o motivo da inquietação. Após ouvir tudo que se passava com o neto, o senhor Damião, falou sobre coisas atuais, como o racismo, falou das dificuldades que as pessoas negras enfrentaram e enfrentam para serem aceitas no mundo. O sorriso voltou ao rosto para presentear a Dona Lia. A professora, no corredor, recebeu o desenho feito com orgulho e dignidade: "Professora, meu desenho de mãe, não pintei de amarelo, pintei de preto em negro como é a minha mãe, como é jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura. Pintei com a cor de mim mesmo". A professora olhou espantada a serenidade da situação. E Eno completou: "Qualquer dia desses, meu vô vem aqui dar aula, pra todos aprenderem sobre nossa história".

Na cabeça do Eno, tocava uma música que seu avô havia cantado para ele: "Eu sou negro sim, como Deus criou. Sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar dessa cor. Eu sou negro, sim..." (SANTANA, 2008)

Essa é a história do garoto Eno, que teve muitas dúvidas sobre o que acontecia como forma de impedi-lo de se sentir realizado, com algo que representava a verdade de sua família. Diante desse momento de contradição o garoto ficou muito angustiado e provavelmente sem coragem de expor o ocorrido com seus pais, perante essa situação que o confundiu sobre a forma de retratar a cor da pele de sua mãe ele ficou sem vontade de frequentar as aulas onde a professora não queria que ele colocasse a verdadeira cor que enxergava em si e em sua mãe.

A família do protagonista da história segue o modelo de família nuclear<sup>9</sup>, que a família que tem a mãe, o pai e a a/o filha/o. Como a família é mono racial preta, a criança se reconhecia como preta, duvidar disso estaria fora de cogitação. E a pessoa que consegue o ajudar é seu avô que é também um homem de cor preta e que tem consciência racial, portanto, consegue empoderar<sup>10</sup> o neto de que ele estava correto sobre si e sua mãe também. Uma leitura atenta e que reflete sobre as questões raciais percebe que negar a criança a gostar ou expor o que de fato é, é uma forma de reprimir as diversidades étnicas. Pois as crianças e adultos, sejam elas/es brancas, negras, indígenas, quilombolas, asiáticas, ciganas, ou pertencentes a qualquer outro grupo precisam se ver como tal e amar a si e o grupo ao qual pertencem, assim como, respeitar as diferenças fenotípicas, físicas, culturais, entre outras.

A autora Maria Caroline Tomáz (2016) evidenciou que analisar as relações raciais para além do casal diz respeito às próprias consequências dos casamentos inter-raciais, onde as possibilidades de se ter filhos com características físicas diferentes, tendo em vista que nossa classificação é relacionada ao fenótipo das pessoas. Essa autora escreveu sobre os resultados de uma pesquisa da socióloga Hordge-Freeman (2015), uma pesquisa etnográfica que foi realizada em uma comunidade na Bahia, através de entrevistas com pessoas pardas e pretas

---

<sup>9</sup> O livro é uma história ilustrada e aparece as imagens da criança, a mãe e o pai. Que habitam na mesma casa.

<sup>10</sup> Ver Revista de Sociologia e Filosofia do Colégio Estadual do Paraná, N° 12 – Out/Nov 2018

de dez famílias pobres e da classe trabalhadora (TOMÁZ apud Hordge-Freeman, 2016, p. 704). A análise das entrevistas considera a família um lugar de se fazer, contestar e negociar a raça. Explora-se a socialização racial como um processo no qual os significados e limites raciais são transmitidos. As pessoas também aprendem a desenvolver o capital (racial) e as estratégias necessárias para convivência e gerenciamento de suas posições na sociedade.

Os resultados apresentados no livro da Hordge-Freeman apontam diferenças de tratamento de acordo com o fenótipo das/os filhas/os por parte de familiares, inclusive mães e pais, em relação aos filhos. Nas entrevistas apareceram relatos onde uma mulher fala que ter nascido com a pele branca e cabelo liso como o seu pai, a mãe lhe batia por qualquer coisa que ela tivesse feito. Em sua entrevista disse que não entendia o porquê. Porém, acredita que a mãe tivesse inveja do fenótipo branco dela, diz que a mãe apresentava inveja da própria filha. Outro relato de um homem, mostra a percepção desse narrador quanto a atitude de seu pai, onde ele revela que seu pai expulsou seu outro filho de casa quando esse tinha apenas doze anos de idade. Esse homem que dá a entrevista disse que acredita que seu pai tomou essa atitude pelo fato de que seu irmão era preto (2016, p. 705). Portanto, fica evidente que a instituição familiar é um espaço de não harmonia entre seus entes, pois a diversidade fenotípica não é em muitas vezes aceita, o que acaba ressaltando a negação desses corpos negros até mesmo no meio familiar quando esse ambiente se torna espaço de estigma e racialização.

O autor branco, Oracy Nogueira (2006) desenvolveu bem o conceito de “defeito de marca”. Para esse autor, no Brasil, esse “problema” varia com a intensidade das marcas e com a maior ou menor facilidade que o indivíduo tenha de contrabalança-las pela exibição de outras características ou condições. O autor explica ainda que, as expressões como “grupo preto” ou “negro”, “grupo branco” ou “grupo pardo”, empregadas em relação ao Brasil, têm antes o sentido de conjunto de indivíduos com determinada aparência física. Diferentemente do Estados Unidos, onde a luta do negro independe da sua aparência, é sobretudo uma luta coletiva, pois, nesse país para ser negro basta que o indivíduo tenha um ancestral negro.

Após conhecer os resultados da pesquisa da Hordge-Freeman (2015), pode-se perceber o cuidado de uma mãe com a educação dos filhos, apresentado na primeira postagem escolhida para estabelecer conexão com os textos sobre família. A mensagem foi apurada com o intuito de obter as divergências apontadas em relação a uma família inter-racial em relação a uma família mono racial negra. O post foi selecionado pela importância de exemplificar as diferenças, pois recebeu grande destaque como categoria de análise das relações inter-raciais no Pretoteca. Se trata de uma mensagem escrita por uma mulher que faz um pedido de compartilhamento de relatos das pessoas que compõe o grupo. A mulher que fez a postagem é mãe de filhos de um relacionamento inter-racial e quis conhecer as experiências das pessoas, assim como as formas de

solucionar demandas como o racismo, e condutas para combatê-lo. Essa publicação recebeu cento e sete comentários e setenta e uma reações, dentre elas: nove “amei” e as demais sessenta e duas com “positivo”. A mulher que fez a publicação colocou em seu perfil que sua cidade natal é a capital da Etiópia, Addis Ababa, como de costume as pessoas, ou a maioria delas não colocam suas informações pessoais de modo público nas redes sociais. A Iara<sup>11</sup> escreveu sobre a família inter-racial e os impactos dessas interações em adultos e em crianças. Em sua publicação já adverte que não está promovendo um espaço para julgamentos, pois pretende aprender através de outras experiências sobre o processo de criação dos filhos ditos “pardos”, pois não vê sentido em criá-los como se fossem brancos.

#### "TEMA: FILHOS DE PELE CLARA

Independente das escolhas pessoais de cada um é indiscutível o efeito do processo de miscigenação e embranquecimento da família e comunidade. Crianças que vão vivenciar o racismo em algum nível, mas são lidas pretas demais para serem brancas (em traço ou cor) e brancas demais para serem acolhidas como pretas. Através de relatos de crianças e adultos frutos de relações inter-raciais se percebe os impactos na autoestima, na formação de personalidade e entendimento quanto à própria origem. Mais do que apontar, acredito que esses impactos devem ser discutidos e não somente eles, assim também como os cuidados na criação inter-racial para que a mesma não afete negativamente essas crianças. A miscigenação já é nossa velha conhecida e sua presença não pode ser ignorada, pois há como modificar o futuro através da visão afrocentrada mas não o que já passou.

Gostaria de ouvir relatos de filhos e/ou pais dentro de processos inter-raciais e trazer à discussão as necessidades desse tipo de criação e como colocar em prática as soluções dessas demandas.

Não estou abrindo um espaço para julgamentos alheios, mas para discussões produtivas" (Iara, 2019)

Essa publicação obteve diversos comentários negativos, inclusive pela administradora Mahim, que sempre é pertinente ao falar o que defende e pontual em suas colocações. Mahim escreveu de modo a reprovar a miscigenação. A autora da postagem recebeu muitas críticas, foram raros os depoimentos que pudessem ajudar a Iara ou indicações de obras que pudessem vir iluminar sua cabeça com ideias de como abordar questões sobre o racismo com as crianças. Os comentários feitos pelas pessoas depreciam a sua escolha conjugal, como forma de desestimular o embranquecimento populacional. Homens comentaram de modo negativo, ao dizer que esse assunto é cansativo e chamaram a autora da postagem de “palmiteira”. Também discorreram sobre a miscigenação como forma de suicídio negro, e questionaram a autora da postagem se ela imaginava que a/o cônjuge branco saberia o que falar numa escola sobre caso de racismo. Outras mulheres comentaram que o "colorismo"<sup>12</sup> divide o povo negro, e que não deveriam criar batalhas internas.

---

<sup>11</sup> Relembrando que as pessoas autoras das postagens foi-lhes dados pseudônimos como forma de preservar a identidade de todas as pessoas.

<sup>12</sup> O colorismo ou pigmentocracia é a discriminação baseada pela cor da pele e é comum em países que passaram pela colonização europeia. O conceito explica que quanto mais escura a pele de uma pessoa for, maior será a exclusão dela. Por outro lado, o colorismo funciona de modo a favorecer pessoas negras que possuem traços fenotípicos próximos ao do europeu, mas não os a ter eleva a ter

Apenas uma mulher escreveu de modo positivo em relação a família inter-racial, quando revelou que seu avô branco, contava-lhe histórias de África e de princesas africanas. Além de ter ensinado que ela era linda e ter obtido conteúdo sobre questões raciais. É evidente que nem todas as pessoas que compõem o grupo pensam desta maneira, portanto, é inegável que boa parte reflete sobre as relações inter-raciais como forma de branqueamento da família, portanto, muitas das pessoas não demonstraram empatia para com o caso explanado pela Iara. A maioria das pessoas do grupo, entendem a sua escolha afetivo-sexual com um cônjuge branco como forma de apagamento da cor, além de que, sabe-se que a democracia racial é um mito que não aplica-se de verdade, pois a sociedade não é solidária aos negros como é para com os brancos. O autor Luiz Campos (2015) escreveu que entre as décadas de 1930 e 1950, alguns intelectuais defenderam a afirmação da negritude sem que, para tal criticassem a ideia de que o país estava vocacionando a ser uma democracia racial. Para Guerreiro Ramos 1995, os estigmas da negritude formam-se em uma sobrevivência do passado colonial, onde a ideia pejorativa sobre a população negra era confinada pela estrutura escravocrata. (CAMPOS apud Ramos, 1995, p.220).

A história do menino Eno (2008), dentre várias outras referências poderia servir como referência oferecida para essa mãe tendo em vista o objetivo comum de combater o racismo em todos os lugares, assim como no espaço escolar. O debate sobre o pertencimento racial das crianças é muito importante, pois se o avô do Eno não fosse um homem com consciência racial, apenas iria dizer ao neto que estava “tudo bem” ou que isso (o racismo) “não importa” ou que apenas “obedecesse ao que a professora pedia”. Coisa que não aconteceu, e como forma de combate a tristeza do Eno, seu avô o contou a verdadeira história de África e, o mostrou que ele estava correto ao transpor em seu desenho a verdadeira cor da sua família, que diferente da cor que a professora queria, amarela, sua família tem a cor preta. Um assunto que é pouco comentado, é acerca da solidão da mulher negra, pois estudos apontam que são elas as mais preteridas tanto pelos homens negros quanto pelos brancos, e refletir sobre os alcances dessas mulheres que são discriminadas pela condição racial em todas as esferas sociais. É importante levar em consideração que são mulheres negras que compõem a parte da população mais pobre do país. Como escreveram as pesquisadoras Maria Santos, Josiane Queiroz, Rafaela Luz e Samara Oliveira (2017) que de acordo com as pesquisas, as mulheres negras recebem 40% a menos que homens negros, e quando comparados a mulher branca, a diferença aumenta 30%, pois, a mulher branca ganha 70% a mais que uma mulher negra. (SANTOS, et.al. p.7).

---

passabilidade a ponto de serem tidos como brancos. A branquitude permite a presença desses sujeitos, porém, de forma limitada pois ela tolera negros mais claros porém, não os reconhece como iguais (GELÉDES, 2015)

Após conhecer a história da Iara, pode-se perceber outras manifestações de maior tolerância aos fenótipos menos retintos dos integrantes da Pretoteca. A postagem escolhida foi feita por um homem, Mkadam, que em seu perfil não revela idade, nem a cidade em que mora. Em seu post deixou uma reflexão sobre si, dirigida aos demais membros do grupo. A publicação obteve vinte e três comentários, e um total de vinte curtidas, entre essas reações obteve um “grr”, um “amei”, três “haha”, e quinze interações com “positivo”. Ele escreveu o seguinte:

Lutamos por eugenia ou por igualdade? sempre fui a criança de pele escura e cabelo liso de origem indígena, negra e brancos, que os brancos falavam olha que cor linda, jambo, olha só essa criança que exótica, acredito que a discussão de colorismo é interna, no mundo que vivemos, o mundo dos brancos, sempre existiu duas coisas os brancos e os sem alma. a questão é, o que buscamos, igualdade ou queremos ser como os brancos? vocês acham que consciência e vaidade se confundem? a nossa única opção é lutar. Eis a base, nossa consciência vem do empirismo, quanto mais escura a pele maior a agressão da sociedade, sabemos disso, mesmo não retintos sofremos racismo estrutural. Vejo que cada dia a elite vence ela consegue nos separar, ou por medo ou pelo imperialismo cultural. Agradeço o espaço e aceito qualquer crítica a respeito das minhas indagações, estamos aqui para dialogar e crescer (Mkadam, 2019).

Todos os comentários foram realizados de modo a deixar em evidencia que não estavam em consenso sobre o argumento colocado pelo autor da postagem. A administradora Mahin fez a colocação de que não era obrigação do Mkadam educar os brancos. Mulheres exaltaram a força do povo negro, como povo que não precisa dos brancos, pois sempre fizeram tudo por si, enquanto os brancos os roubaram e até os escravizaram. Houve comentários que questionavam todos os posicionamentos do autor dessa postagem, Mahin fez uma lista de críticas as colocações das pessoas que integram o grupo, que foram:

1. Relacionar com gente do seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ain, é radical de +"
2. Priorizar comprar e vender para seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ain, é radical de +"
3. Recomendar profissionais do seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ain, é radical de +"
4. Votar em candidatos negros que priorizem seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ain, é radical de +"
5. Priorizar religiões/filosofias que valorizem seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ain, é radical de +"
6. Priorizar epistemologias do seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ain, é radical de +"
7. Se organizar em coletivos do seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ain, é radical de +"
8. Só fazer textão nas redes sociais sobre seu povo: Muitos ditos militantes negros: "Ai sim, ai eu posso!"

Por fim, a administradora escreveu que: “quem concordou com o preto de cabelo liso, apenas concordou com brancos e seu sistema racista”. Disse ainda que: “essa gente adora invadir espaços pretos para lutar pela permanência do seu poder!”. E ainda postou uma foto do Mkadam que de fato, mostra uma pessoa branca.



Ninguém que havia feito os comentários posicionou-se de modo favorável às colocações feitas pelo autor da postagem. O intelectual e ativista do movimento anarquista negro, Lorenzo Ervin Kom'boa (2015) já explicava que: “a invenção da raça branca e a escravidão racial dos africanos serviram para formar as classes superiores que mantiveram a ordem durante o período da escravidão”. Portanto, mesmo os brancos pobres tinham sua mobilidade assegurada por esse sistema. E pessoas brancas adentram em diversos lugares e pretendem por diversas vezes ser protagonista de lutas que não desrespeito a eles, como é o caso do Mkadam.

A psicóloga Maria Aparecida Bento (2002) quando estudou a branquitude, explicou que os brancos independentemente da classe social em que ocupam tendem a ser solidários uns aos outros quando sentem-se discriminados. Ou seja, os brancos que não se questionam sobre o seu lugar de privilégio dentro de uma sociedade racista sempre querem estar em um lugar distante do conflito e nadar contra a corrente racista que por muitos é mais cômodo se deixar levar por ela do que tornar-se uma pessoa antirracista. O trabalho da psicóloga Bento (2002) possibilita explicar o fato de a branquitude proteger os interesses dela e para tanto, a autora recorre ao psicólogo branco Freud (1996), que identifica a expressão do amor a si mesmo, ou seja, narcisismo, como forma de preservação ao indivíduo e ao mesmo tempo gera aversão ao diferente. Fazendo ligação com o que Freud escreveu, é evidente que esses grupos que estão no poder irão unir-se a outros que estão em um patamar semelhante ao seu, existe um pacto narcísico da branquitude.

No caso das pessoas negras que pretendem embranquecer a família, Wellington Santos (2018) discorreu acerca da possibilidade de escalada do homem negro numa sociedade racista que o inferioriza e animaliza, para explicar estas como estratégias de luta. Essa última análise é trabalhada a partir do trabalho da Neuza Souza (1983) quando ela aborda que em contextos de poder ou hegemonia branca, o negro pode buscar estratégias, e elenca algumas delas, tais como: 1) ser o melhor; 2) perder a cor; 3) negar as tradições negras; 4) não falar no assunto (1983, p. 65). A primeira estratégia é uma questão direta de luta por poder: já que não pode tornar-se branco, o negro busca compensar sendo o melhor em tudo, e ensina isso aos filhos, onde desde a infância é ensinado a ser o melhor. No esporte, em conhecimento, no trabalho, na riqueza material, simplesmente por ser preto. É uma compensação imposta inconscientemente pelo ideal de que para ser aceito precisa ser muito melhor que os demais. É através da busca incansável da perfeição e do mundo de poder, onde a maioria é branca, que o negro que adentra a esse mundo fica sob vigilância em suas ações. A autora expõe ainda o caso da continua prova desse negro que ascende socialmente que mesmo ele sendo bom o suficiente, o sentimento de rejeição ainda prevalece (ibid., 66). E portanto, a pessoa negra mesmo sendo muito boa na área que atua, não será vista como branca, mesmo que negue sua negritude e não comente sobre ela.

### 3. “PALMITAGEM” E A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

“E embora seja difícil imaginar nossa nação totalmente livre do racismo e do sexismo, o meu intelecto, o meu coração e minha experiência me dizem que isto é realmente possível. Até este dia, em que nenhum dos dois existam mais, todos nós devemos lutar”. (James Baldwin)

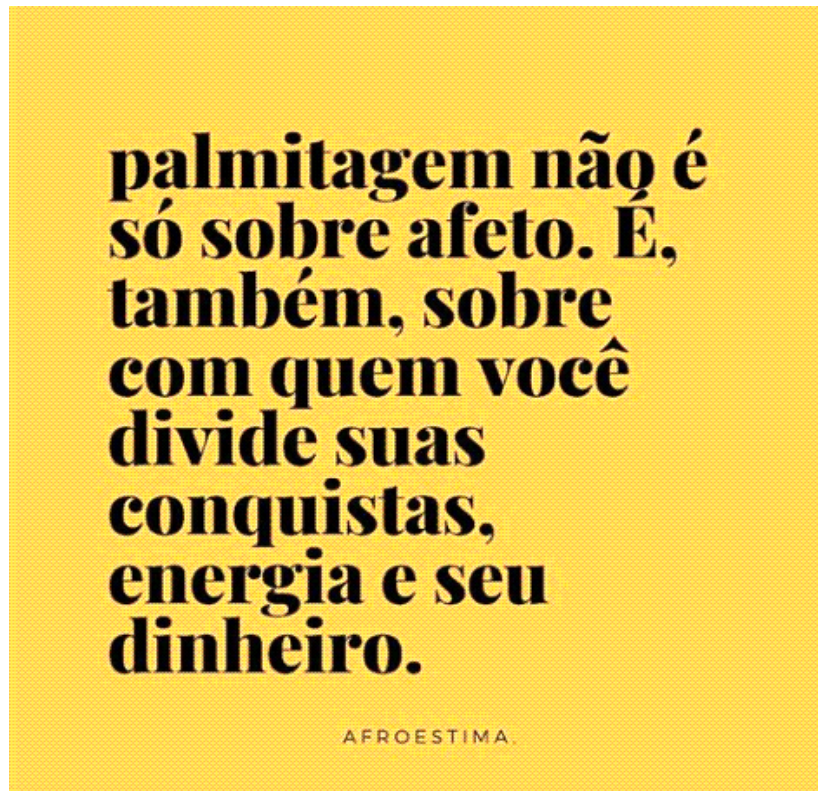
Não se pode negar a desigualdade de gênero nas relações e que as mulheres racializadas são as que mais sofrem, pois passam por violência além do racismo apenas por serem mulheres. Para levar as comunidades reflexões e meios de enfrentamento para com o machismo, misoginia ou qualquer ato que cause danos para qualquer mulher e em especial para aquelas que estão mais à margem, as mulheres que por diversas vezes são esquecidas e inferiorizadas. Faz-se necessário pensar estratégias de conscientização constante, para que as próprias vítimas de violências saibam pelo o que passam e tenham a autonomia de pedir ajuda.

Como já foi explicado anteriormente, palmitagem é um termo criado por mulheres negras brasileiras para se referir a homens negros que se relacionam com mulheres brancas. No entanto, homens negros também chamam os casais inter-raciais de mulheres negras com homens brancos de palmitagem, pois, muitos deles não desconsideram a grande taxa de mulheres negras sozinhas que nunca estiveram num relacionamento afetivo-sexual estável.

De acordo com a autora Lélia Gonzáles (1988), é evidente que a ideologia do branqueamento aparece na América Latina como forma de manter as populações negras e indígenas em condições de subordinação. E assim, o racismo se mantinha veiculado pelos meios de comunicação de massa que perpetuava a crença de que os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. É evidente que as escolhas das pessoas não são desprovidas de determinação ideológica, gosto é uma construção social que está acima das escolhas individuais. Os olhos da população branca e negra foram acostumados a enxergarem um padrão estético de beleza, e esse símbolo de beleza é branco. Ou seja, toda a sociedade foi condicionada e educada para negar a estética negra. E pessoas negras não são vistas como símbolo de ascensão.

A autora Claudete Souza (2008) observou que em sua experiência cotidiana constata que negros intelectuais ou aqueles que tornam-se celebridades optam por relacionar-se com mulheres brancas, inclusive os homens que têm compromisso com questões raciais. Contudo, não quer dizer que esses homens famosos não se relacionem ou namorem com mulheres negras, porém, ao adentrar aos espaços brancos passam a viver em locais predominado por essas pessoas. E quando casam-se com pessoas não negras, em casamentos inter-raciais, o autor Wellington Santos 2018, explicou que geralmente, o cônjuge negro tem condições socioeconômicas superiores que a pessoa branca (SANTOS, 2018, p.5).

Imagem 2



Fonte: “Pretoteca”

Essa imagem foi resgatada de um perfil do Instagram chamado Afroestima. No grupo, essa publicação foi feita por um homem de Belo Horizonte. Houve bastantes interações pertinentes nessa postagem. Foram cento e quarenta e sete comentários, com um total de quinhentos e duas reações. Nessa publicação apenas duas pessoas interagiram com um símbolo “gr” que quer dizer que está em apoio à causa defendida ou que não gostou ou discorda da publicação. Duas pessoas interagiram com um “haha” que pode significar que pensam a publicação como engraçada ou talvez ironizam o conteúdo. Cinco pessoas interagiram com um “uau” que mostra surpresa ou algo bom. Cento e dezesseis pessoas interagiram com um sinal de “amei” e as demais (total de trezentos e setenta e nove) pessoas participaram com o símbolo de “positivo”.

Os comentários feitos nessa postagem não deixam dúvida sobre estar de acordo com a mensagem transmitida na imagem. Os comentários foram contrários à “palmitagem”, que seria geralmente justificada em relação ao afeto. E que as pessoas negras que estão em um relacionamento com pessoas brancas deveria policiar-se para saber se a pessoa branca da relação estaria com ela caso a sua condição financeira fosse diferente. Tem comentário que faz uma analogia com a obra Casa-grande & Senzala, onde tem a defesa da democracia racial por Gilberto Freire, que enxergava que o Brasil era o país da harmonia das raças, onde a

miscigenação destruía todas as diferenças. Esse comentário é interessante porque evidencia que há muitas pessoas negras (senzala) que tem maior atração pelas pessoas brancas (casa-grande). Outros participantes passam dicas de textos a serem lidos, como o clássico *Peles negras, máscaras brancas* (2008) do Frantz Fanon. Mulheres escrevem que quando a mulher pratica a palmitagem, é bem complicado porque muitas vezes, ela não percebe que é colocada em posição de inferioridade. Um dos comentários explicitava que: “Se fosse bom para preto não haveria um casal inter-racial em cada novela da Globo”, ou seja, a mulher autora dessa reflexão, expõe de forma implícita sobre a emissora Rede Globo que está colocando mais pessoas negras nas telenovelas, e isso é bom. Porém, ao colocar casais inter-raciais demasiadamente e não colocar casais mono raciais negros enquanto tem-se muitos mono raciais brancos, logo, torna-se motivo de reflexão por parte de pessoas negras mais atentas. Falar de casais inter-raciais em telenovelas tornou-se uma pauta bastante debatida ao longo do ano de 2019 e as interações sobre esses pares inter-raciais e também os papéis que alguns atores negros ocupavam.

Vale relembrar trabalho do psicólogo Wellington Santos (2018) sobre o homem negro e relações inter-raciais na diáspora. Seu artigo tem como foco os homens negros dos centros urbanos, partindo de uma perspectiva de homens negros de periferia. O autor ressalta que em uma sociedade que valoriza status, poder e riqueza, os homens negros estão em piores condições que as mulheres brancas e homens brancos, com isso, eles buscam estratégias de sobrevivência. “Onde para sobreviver, é preciso demonstrar força, cabeça erguida, não levar desaforo para casa” (2018, p.4). Santos (2018) discorre acerca de diversos estereótipos relacionados aos homens negros brasileiros, para citar alguns dos que mais circulam, destaca a figura do jogador de futebol, o cantor ou famosos em geral, que, em ascensão social procuram relacionar-se com as mulheres brancas. O autor frisa ainda que tais exemplos servem “como prova de que no Brasil relacionamentos entre brancos e negros são harmoniosos”. Santos (2018) recorre ao trabalho do autor branco Edward Telles (2003) onde argumenta que:

existe um forte componente de classe social nas interações entre negros e brancos no Brasil. Na classe média, o baixo número de negros limita as interações com os brancos, enquanto que nas camadas mais pobres, de maioria negra, a interação entre negros e brancos é mais frequente. Ainda assim, em comparação com países como Estados Unidos, é possível afirmar que a mestiçagem é uma realidade, principalmente nas camadas mais pobres da população (TELLES, 2003).

Com o trabalho do Telles (2003) percebe-se que como a população negra está em desvantagem socioeconômica, é possível identificar que nos casamentos inter-raciais geralmente, o cônjuge negro tem condições socioeconômicas superiores ao branco. Nesse sentido, Wellington Santos (2018) explana que mesmo essas pessoas sendo negros ricos, ainda assim, são vistos como inferiores pela sociedade, onde existem casos de homens negros que abrem mão da sua identidade como pessoa negra para uma melhor aceitação no universo

branco. O autor frisa também que esse exemplo não se aplica em todos os casos, pois, existem homens que abrem mão da sua identidade negra e a fazem por escolha, sem que haja pressão de outros, tidos como familiares da cônjuge, colegas de trabalho, ou amigos brancos que não o entendem.

### **3.1. RELAÇÕES RACIAIS: SOLIDÃO DA MULHER NEGRA**

A antropóloga Ana Cláudia Lemos Pacheco escreveu em seu livro, intitulado: *"Mulher Negra: Afetividade e Solidão"* uma crítica a uma reportagem do Globo Repórter exibida em 19 de agosto de 2005, no programa exibido nas sextas-feiras, esse programa foi posterior a uma notícia publicada na revista Veja, a publicação foi em abril de 2005 após a divulgação do Censo de 2000, dados do Censo De Políticas Sociais Da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A autora expõe que com os dados do censo a revista escreveu que:

“a partir dos 30 anos de idade, a taxa de solidão feminina aumenta e a do homem diminui” (CAPITAIS, 2005, p.126). Além dos fatores demográficos, número de mulheres e homens, outras razões também foram indicadas, como a situação socioeconômica das mulheres, o nível de instrução e a região. De acordo com a referida pesquisa, a Bahia é o estado de maior concentração de mulheres sozinhas, isto é, sem parceiros. Em Salvador, esse número chega a 51%.” (Pacheco, 2013, p.21)

No caso do Globo Repórter, a autora discorre que o programa confirma a matéria, ressaltando a solidão afetiva das mulheres que não contraíram união estável numa cidade da Bahia. Porém, ao ler e assistir as matérias, respectivamente, um dado chamou atenção, pois quando se referia à região baiana, a pesquisa mostra uma foto de uma mulher negra, sozinha, no cenário soteropolitano; todavia, em nenhum momento, foi mencionada a "raça" como um elemento relevante nas chances das mulheres encontrarem ou não um parceiro (PACHECO, 2013, p.21).

Apontar o fato de a questão do recorte racial não ter sido considerado nem pelo programa televisivo e nem pelas matérias, como a autora questionou, é necessário, pois falar apenas dos vários tipos de solidão e não frisar a questão racial é negar um elemento de análise muito importante. Entretanto, Pacheco (2013) não questiona se os dados da FGV (2000) levavam em consideração as parcerias homoeróticas femininas. Pois não estar acompanhada de um homem não significa necessariamente estar sozinha. E se antes dos trinta anos de idade essas mulheres poderiam ter escolhido não manter uma união estável. O que sugere ao leitor que a pesquisa foi realizada em relação a união estável de mulheres heterossexuais. Pois em seguida, a autora descreve que,

Diferentemente dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2002, os estudos demográficos dos anos 1980 enfatizaram a importância do intercruzamento dos fatores de sexo, raça, idade e outros nas seleções conjugais da população brasileira (BERQUO, 1987; SILVA, 1987). Tais estudos ressaltam que as mulheres negras (pretas + pardas) são aquelas que têm menores chances de encontrar um parceiro na disputa do “mercado matrimonial”, perdendo para as mulheres de outros grupos raciais, como as mulheres brancas, por exemplo. No caso da Bahia, embora os dados apontem que Salvador é uma das cidades que concentra o maior número de mulheres sozinhas, sem parceiros (SANTOS, 1996; SANTOS, 1997), não há, até agora, nenhum estudo socioantropológico que

refute tais dados, sobretudo levando em consideração o recorte racial. Por outro lado, embora a Bahia, especialmente Salvador, tenha esse contingente de mulheres (acredito de maioria negra como sugere a foto da revista *Veja*), qualquer estudo de natureza antropológica, ainda que não queira, deve voltar-se para as especificidades históricas da população negra-mestiça e das mulheres analisadas nesse contexto (PACHECO, 2013)

Stephanie Ribeiro (2016) cita a autora bell hooks, obra *Vivendo de Amor* (2006:188), onde a estadunidense declara que: “muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor”. Por conta de todas barreiras que o racismo coloca as mulheres negras em preterimento em diversos campos, não só afetivos, como na representação dos corpos negros feminismos estereotipados, e negação do mercado de trabalho para os corpos racializados. Ribeiro (2016) relatou que no período em que escreveu já havia discussões sobre a solidão afetiva também entre mulheres negras trans, mulheres negras lésbicas e também homens gays. E retoma o termo “palmitero” explicando que é fruto do questionamento aos homens negros em relação a escolha de “seus pares”. Essa forma de cobrança de uma reflexão a respeito da presença sistêmica de casais inter-raciais cis heterossexuais compostos por homem negro e mulher branca.

Mesmo mulheres negras que adentram a classe média também se sentem sozinhas como revela Pacheco (2013), a partir de sua pesquisa sobre solidão das mulheres negras na cidade de Salvador. Sua abordagem contemplou mulheres ricas, classe média e pobres, ativistas do movimento negro, representantes do sindicato das trabalhadoras domésticas e também mulheres não-ativistas. Pacheco procurou apurar como as ativistas e não-ativistas construíram os significados dessa ausência de parceiros fixos, nomeada por parte das suas informantes como “solidão”. O que se assemelha nos discursos das interlocutoras da pesquisa da Pacheco é que as mulheres apresentam falas onde expõem a questão da preferência afetivo-sexual dos homens negros ativistas e não-ativistas por mulheres brancas. Mas outras categorias também foram acionadas, tais como a poligamia, portanto, mulheres preferiram ficar sós do que ter um homem “mulherengo”. Segundo as interlocutoras, são homens que não se importam com os filhos, pois preferem estar em festas. A autora escreveu que para as mulheres ativistas, a ausência de parceiros fixos ganhou diversas denominações.

A solidão da mulher negra, para as mulheres ativistas, é à ausência de alguém para construir um relacionamento afetivo durável, uma união estável, uma vida conjugal, um projeto familiar. Por outro lado, a solidão foi percebida como positiva a partir de vários rótulos e sentidos. Estes sentidos foram ressignificados pelas mulheres em vários espaços sociais. Como na política, por exemplo, quando uma das entrevistadas foi reprimida por seu parceiro que a possibilitou uma escolha: ou a política ou ele, e a entrevistada preferiu continuar na política do que viver como dona de casa casada, e portanto, essa mulher não abdicou de sua liberdade. Em resposta, algumas entrevistadas: “independência, no poder e na *liberdade*, como disse uma ativista: *entre a militância e um companheiro, eu prefiro a política*, ou na religião: o candomblé não é uma

religião de solidão”.

A solidão foi percebida, pelo segundo grupo de mulheres, as não-ativistas como positiva também, pois ela não representou apenas sofrimento, desilusão, e/ou abandono. Pacheco (2013) explicou que percebeu significado diverso da solidão entre esse grupo de mulheres. Essas redes sociais se davam através de outras formas como essas mulheres reconceitualizaram esse sentimento e nos seus projetos de vida. A autora:

“As mulheres não ativistas ressignificaram a solidão, através de novas relações sociais e afetivas construídas no trabalho, na realização profissional, nas redes de amizade, na religião, no lazer, na família, na educação, na maternidade e na corporalidade. Por último, pode-se afirmar que as mulheres negras investigadas, dos dois grupos estudados, tentaram burlar a solidão, isto é, a ausência de parceiros, atribuindo-lhes significações produzidas numa rede de emaranhados de categorias que denotam maneiras de pensar e de negociar às suas escolhas, na busca por outros caminhos, novos espaços sociais. Esses espaços se materializaram no trabalho, na família, na política, na comunidade, no bairro, na escola, no sindicato, na religião; produziram novas redes de relações sociais, redefinindo-as, quebrando tabus, lutando contra a opressão, politizando os seus corpos por meio de novos contextos corporificados.” (2013, pp. 358-59)

Pacheco (2013) utilizou de dados estatísticos para explicar a taxa de mulheres sozinhas e discorreu que a maioria dos registros de casais inter-raciais, é composto pelo homem negro e a mulher branca e não o contrário. E mesmo sendo elas as mulheres mais solitárias ou até mesmo abandonadas, buscam resignificar a solidão ao invés de se revitimizar<sup>13</sup> pela ausência de parceiros fixos.

Um homem que mora no Rio de Janeiro, chamado Raul, compartilhou uma matéria do site Mundo Negro, escrita pelo Roger Cipó, cuja manchete é: “Palmitagem? Quando o termo é mais importante que o impacto do racismo na formação da afetividade preta”. O autor da matéria escreveu que no início do ano (2019), um famoso pagodeiro, que fez muito sucesso nos anos 90, o chamou para conversar pelo direct do instagram, a conversa pautava relações inter-raciais no pagode. O homem pagodeiro explicou ao Roger que na época esses homens eram apenas os pretinhos da favela que disputavam audiência nos principais programas de tv, e de um dia para o outro, eles tinham tudo aos seus pés, e, antes disso ninguém dava moral para eles. E concluiu, sobre a falta de consciência sobre as relações: “Não eram todos eles que tinham consciência disso, era um ou outro, o resto de nós era só uns pretinhos que tocava por uns trocado, que era preto normal mesmo que ninguém dava moral. Uns caras que se achavam feios e que agora estavam como..?”.

Após a transcrição do relato do homem pagodeiro, Roger Cipó (2019) escreveu sobre a importância da obra: “Peles Negras, Máscaras Brancas” do Frantz Fanon que analisa as dinâmicas das relações entre homens pretos e mulheres brancas e de mulheres pretas com homens brancos. Cipó deixa a sugestão da leitura para que os leitores possam compreender como raça determina e hierarquiza as relações, assim como entender o porquê

---

<sup>13</sup> Nesse caso, a revitimização seria o fato de relembrar o sofrimento vivenciado em relacionamentos antigos.

e uma pessoa preta optar por se vincular a uma pessoa branca, numa sociedade em que o racismo desumaniza, em detrimento da supervalorização da humanidade de pessoas brancas (CIPÓ, 2019).

Cipó (2019) relatou que não se pode perder o racismo como fator determinante de todas as dinâmicas de relações no país. Raça não é recorte, e isso torna necessário o abandono da ideia de individualizar problemas estruturais. De acordo com o Roger Cipó, a palmitagem é um problema estrutural do racismo. Pois, antes da escolha, a negação de afeto de pessoas pretas é construção, e valida o racismo que segue matando de formas letais e simbólicas. Por fim, o autor discorreu que pode-se encontrar outros termos se esse parece ofender, mas seja qual for o termo usado, haveria ainda o mesmo movimento de invalidar tais discussões. Pois, sempre que pessoas negras lançarem a discussão sobre o impacto do racismo na formação afetiva de pretas será deslocada para o lugar da inveja e/ou ressentimento, como estratégia de apagamento do debate. A postagem realizada pelo Raul, obteve noventa e quatro comentários, sessenta e três reações que foram: uma com “amei”, duas com “triste”, duas reações com “uau”, sete com “haha” e as demais cinquenta e uma com “positivo”.

Os comentários dos homens foram sobre o problema de realizar análises sobre a solidão apenas através da questão de gênero. Pois essas subjetividades que segregam pessoas negras perpassam essa questão e portanto, seria melhor realizar a leitura sobre a solidão através da questão racial. Houve comentários de homens que declaram que “tem muita mulher negra que não quer namorar ou ter qualquer tipo de relação com preto”. Assim como também, houve apontamentos de que nem os homens nem as mulheres negras estão imunes a construção social que foram submetidos, onde foram ensinados a não amarem os seus iguais. Enquanto os comentários das mulheres voltavam-se a responder algumas provocações realizadas por homens sobre as escolhas afetivas delas, onde houve até afirmação de uma mulher do grupo que disse nunca nem ter beijado homens brancos. E a questão dos julgamentos que são, na maioria das vezes, voltados para as mulheres e suas escolhas já são estereotipadas e subjugadas em tudo que realizam, desde as vestimentas, ações e escolhas afetivas.

A postagem selecionada trata de um assunto votado aos relacionamentos inter-raciais e a forma como o debate é por vezes silenciado, seja por conta do termo “palmitagem” que desagrade algumas pessoas, seja também por expor um assunto complicado de tratar. O autor Frantz Fanon (2008) explicou sobre a escolha afetiva do homem negro em relação a vida conjugal com uma mulher branca como uma forma de o homem negro adentrar ao universo branco, ao ser amado por uma mulher branca. Deste modo, o homem negro já não seria reconhecido dessa forma, mas sim, como um branco (FANON, 2008, p.69).

No grupo Pretoteca, a questão racial é central, as demais intersecções como gênero, classe social, questão etária, orientação sexual também têm relevância nos debates. A questão racial vem em primeiro lugar,



porque a negritude é ressaltada para valorizar a cultura e deslegitimar o discurso construído pelos colonizadores que, ensinaram ao povo negro a ter ódio sobre a própria identidade, assim como reproduzir o racismo. Os debates sobre o preterimento do povo negro dentro do próprio grupo, ressalta que o espaço ainda é muito organizado em questão de entender os seus e a liberdade de cada pessoa, apesar de que existem alguns pré-julgamentos.

A proposta do grupo em combater o colonialismo epistêmico trata de junto à literatura expor as causas que fazem a desunião da própria coletividade. Fanon (2008) explicitou a história do Jean Veneuse que precisava de uma autorização para casar com a Andréa Marielle, mulher branca que também o amava. Para poder casar com ela, Jean precisaria negar sua negritude, pois se ele vive na França desde a infância, só poderia amar uma mulher do país que sempre viveu, que portanto, se tornou seu verdadeiro país. Porém, Jean não aceitou essas condições para ter a mão da Andréa Marielle em casamento, pois ele sabia que a maior parte dos negros que a essas condições se submetiam, chegam a renegar seu país e sua mãe. E casando-se com uma europeia, não causaria a impressão de estar proclamando apenas o próprio desprezo pelas mulheres de sua raça, mas também traindo pelo desejo da carne branca, que os é proibido desde que os homens brancos reinam o mundo (ibid, p. 73-74). Com esse debate, é possível pensar que em muitas das vezes, relações inter-raciais acontecem pela vivência da pessoa negra em um ambiente majoritariamente branco, causa que está para além do desejo de embranquecimento da família, ou para entrar em espaços predominantemente brancos.

#### 4. RELAÇÕES INTER-RACIAIS E CASAIS NEGROS NAS MÍDIAS

“A tomada de consciência da opressão ocorre,  
antes de tudo, pelo racial”.

(Lélia Gonzalez)

Muito se tem escrito sobre a problemática racial (racismo estrutural, democracia racial, desigualdade racial), porém, a busca pela reflexão acerca da formação de casais onde os dois companheiros são negros, ou seja, um casal mono racial negro e casais inter-raciais é um tanto esquecida pela produção acadêmica. Portanto o esforço empreendido nesse tópico é debruçar-se sobre as questões que influenciam na afetividade de pessoas negras, que envolvem às referências dessas relações que serão difundidas através dos produtos culturais.

Ayana fez a postagem (imagem 3) que pauta a representação dos casais inter-raciais na mídia. Em seu perfil, não revela dados pessoais como idade, estado em que mora, religião, entre outros, mas é casada com um homem também negro e têm um filho que no ano de 2019, aparenta ter cerca de dois anos de idade. A postagem obteve dezessete comentários e dezesseis curtidas que entre elas, duas foram “amei” e as demais foram curtidas com o símbolo de “positivo”.

A postagem sugere que a noção de “palmitagem” pode ser empregada para definir o texto do jornalista sobre o modo como a diversidade étnica é retratada na mídia televisiva e no cinema. Acima da manchete da matéria “Predictive programming vs diversity” que numa tradução literal significa: *Programação Prevista versus diversidade?* Ayana faz uma tradução rápida do pequeno texto jornalístico (matéria não encontrada no Google). Ela pontua que o texto apresenta uma crítica ao fato dos casais inter-étnicos não serem representados nessas mídias (canais televisivos e cinema). Quando se trata de retratar a diversidade apenas casais inter-raciais compostos por pessoas brancas e pretas aparecem na televisão.

Imagem 3

Olha o que o jornalista falou sobre palmitagem  
Tirem suas conclusões

Tradução simplificada:

O texto questiona porque propaganda de palmitagem é sempre entre branco e preto. Porque a televisão de forma mundial não prega DIVERSIDADE entre todas as raças, tipo preto com japonês ou brancos com indianos, embora esses casais existam.

## Predictive programming vs diversity?

If you type in interracial couples in Google, or interracial dating, interracial couples in movies/tv shows, you should quickly notice that 9/10 couples will be black and white. Where are the asian and white, Arabic and asian, indian and asian couples? This is not diversity, this is an agenda, think of all the TV shows and movies you have ever watched. 9/10 interracial couples they choose to show you are black and white, but if you look at real life you see everyone mixing 🍌 agenda or diversity?



Fonte: "Pretoteca"

Se você digitar casais inter-raciais no Google, ou casais inter-raciais em filmes/ programas de Tv, você rapidamente verificará que 9/10 casais são de negros e brancos. Onde estão os casais branco/árabes, árabes/asiáticos, hindus/asiáticos? Isto não é diversidade, é uma agenda, pense em todos os programas de tv e filmes que você já assistiu. 9 de 10 casais inter-raciais que eles escolhem são negros/ brancos, mas se você verificar na vida real você verá todos se miscigenando. Agenda ou diversidade? (Pretoteca, 2019; trad. nossa)

Todos os comentários que aparecem na imagem, foram escritos por homens, o que aparece como semelhante nos comentários é o consenso de que casais inter-étnicos não aparecem na mídia, porém, um dos comentários revela que o autor consegue encontrar casais de negros e japoneses. E entende essas colocações como forma de controle sobre a vida afetiva da população negra. Outro relato pertinente nos comentários é o que discorre que as pessoas são rápidas em defender a ideia do embranquecimento populacional.

Com a imagem apresentada na matéria fica evidente que o autor explicita que de modo significativo as propagandas não expõem famílias inter-étnicas, pois a imagem mostra uma família que tem uma mulher negra, um homem branco e uma criança que seria a filha da relação. O autor de descendência asiática Luís Felipe Kojima Hirano (2015) escreveu sobre a forma segregada em relação à raça, gênero, sexualidade e corpos na cinematografia hollywoodiana e brasileira. Este autor descreve a forma em que os Estados Unidos mantiveram leis anti-miscigenatórias que não eram projetadas apenas sobre o contato físico, como também mantinha fronteira rígida sobre os objetos usados pelas pessoas, tais como: Bebedouro, banheiro, piscina,

Asiáticos com negros é o que mais tem Só que não se vê em propagandas mas tem aos milhares. Mas os brancos colocam brancos/mulher negra para mostrar seu controle sobre nós e nossa eterna dependência afetiva e social.

Curtir Responder 1 sem · Editado

Eu mesmo tenho um acervo enorme de chineses'a com negros'a e japoneses'a com negros'a

Curtir Responder 1 sem

É que o discurso de diversidade é muito recente. O discurso sobre diversidade é um discurso dos atuais estágios de compreensão do que são direitos da pessoa humana. Pretos, asiáticos, árabes, latinos, ciganos, grupos LGBTQs, mulheres, não cabiam no conceito de "humanidade". A humanidade era branca, dos EUA/Europa, heterossexual e cristã. E ainda é assim, infelizmente. Por isso, se usa a relação interracial como sinônimo de diversidade, e é, em certa medida, mas apenas reconhecendo o branco colonizador e o preto colonizado. Vocês percebem a lógica? a humanidade que era apenas branca passou para o preto colonizado. Uma espécie de reparação por tantas desgraças que eles produziram no decorrer da história com os povos de África. Por isso não vemos casais com mix de outras etnias ou casais com a mesma etnia representando diversidade. Estas outras etnias não tem "humanidade" para passar. São povos "inumanos" ainda...

Curtir Responder 1 sem · Editado

O pessoal é rápido pra defender genocídio por meio do embranquecimento

Curtir Responder 1 sem

máquinas de coca-cola e lavanderia. Objeto de utilidade básica foi segregado. E a segregação no cinema seguia essa mesma lógica já descrita, pois os negros eram obrigados a sentarem-se ao fundo, de modo que os brancos pudessem ocupar os melhores lugares. O autor descreve o período em que associações religiosas protestantes e católicas, de mulheres, pais e professores reivindicavam maior controle no conteúdo de filmes, uma vez que para esses grupos, o cinema estaria incentivando maus comportamentos. Em 1943 foi criado um órgão chamado *Production Code Administration* (PCA), que aplicaria nova legislação sobre os filmes.

O autor destacou que a legislação proibia retratar a escravidão branca. No que diz respeito a relações raciais a PCA tinha um código que referia-se apenas à proibição das cenas de sexo entre brancos e negros e os casais inter-raciais também foram proibidos. Ainda analisando a cinematografia hollywoodiana, o escritor relembra que o tipo de corpos negros oferecidos aos atores e atrizes negros/as tinham o propósito de retirá-los da economia do prazer do cinema, pois os filmes eram majoritariamente voltados para um espectador branco que não poderia sentir desejos inter-raciais. Em relação ao cinema brasileiro da época, o autor faz a colocação que os estúdios brasileiros também buscavam um ideal de beleza branco. Porém, a partir de 1940, de quando a *Atlântica* estúdios inaugura sua produção com um filme sobre a biografia de Grande Otelo, outros estúdios, como *Cinédia*, passam a conferir um tratamento diferente aos atores e atrizes negros que ganham, por vezes, papéis importantes para o desfecho das tramas, ainda que estereotipados. Pois, se a figura da “mulata” era fundamental nos teatros de revistas, local de onde provieram os principais artistas de cinema da época, no cinema ela será incorporada tardiamente em meados da década de 1950, possivelmente por conta da ausência dessa figura em Hollywood (HIRANO, 2015).

#### **4.1. AUSÊNCIA DE CASAIS NEGROS EM TELENOVELAS**

Muitas das pessoas que compõem o grupo analisado problematizam o fato da emissora Rede Globo, inserir casais inter-raciais demasiadamente e não colocar casais mono raciais negros, enquanto há muitos casais brancos em suas telenovelas. Falar de casais inter-raciais em dramaturgias tornou-se uma pauta bastante debatida no grupo estudado ao longo do ano de 2019 e as interações sobre esses pares inter-raciais, assim como, os papéis que alguns atores negros ocupavam ficaram mais evidentes no mês de outubro. Nessa sessão serão apresentadas algumas postagens que retratam essa movimentação. Um homem que mora no interior de São Paulo escreveu sobre os papéis em que as/os artistas negras/os são colocadas/os nas novelas. O autor do post chama-se Badilini e é servidor na prefeitura de Peruíbe. Sua postagem recebeu sessenta e quatro comentários e cento e dezesseis interações. Entre elas duas reações com “haha”, duas com “amei”, nove com “triste”, quinze com “grr” e as demais oitenta e oito interações com símbolo de “positivo”. Badilini escreveu o seguinte texto:

### Novela e o Protagonismo Negro.

Fazia muito tempo que não assistia novela e me pus a assistir a novela “A Dona do Pedaço”, pois vi que existiam muitos personagens negros e tive a curiosidade de assistir, e até aqui só me deu raiva, ódio.

Primeiro por que os personagens negros e negras não são protagonistas, segundo e mais grave, o autor Walcyr Carasco, exhibe personagens negros com graves problemas morais e de caráter, outra observação é de que o autor retrata também os personagens negros como sendo preconceituosos como o dono da academia que é negro e homofóbico.

Não adianta nada encher o elenco de um filme ou uma novela com atores negros se as personagens que fazem reforçam o preconceito e o racismo, nesse caso da novela “A Dona do Pedaço” o problema é do autor que tem uma visão bem racista sobre nós pretos, como as personagens que traíra a protagonista “Maria da Paz”, o autor escolheu para fazer o papel de traidores desleais, três atores negros, uma secretária, uma atendente e um que seria um ajudante de confeitaria, passando a imagem de que nós negros somos pessoas fracas, facilmente reforçando o preconceito.

E o que dizer da “Palmitagem”? Percebi que não há casais negros, família negra, uma personagem professora que só se relaciona com homens brancos e sua irmã que morreu de câncer que mentia para o marido branco para não perde-lo para a mulher branca e protagonista da novela, ou seja, o autor, Walcyr Carrasco, nessa novela nos retrata da pior forma possível, e a novela das 21 é onde a classe média branca senta no sofá, para se ver e ver seu mundo lá retratado e no mundo dos brancos, somos aquilo lá que passa na TV na novela, isso eles pensam, já vi dessa novela o suficiente, por mais autores negros que possam nos retratar com mais respeito. (Badilini,2019)

A crítica feita pelo Badilini é direcionada aos papéis em que atrizes e atores negros/os foram colocados na trama “A Dona do Pedaço<sup>14</sup>” (veiculada entre 05/2019 e 11/2019), onde o autor Walcyr Carrasco colocou os poucos atores negros em papéis percebidos no grupo estudado como de subordinação. Se destaca especialmente os papéis de traidores da protagonista da telenovela, que foi papel da atriz Juliana Paes como (Maria da Paz), fazendo recordar do papel do “jagunço”<sup>15</sup> que foi por anos uma das mais comuns representações dos negros que atuavam na teledramaturgia.

Os comentários tentaram refutar as colocações feitas pelo autor da postagem, a partir da identificação da negritude dos protagonistas, mas Badilini se manteve firme em seu argumento, tentando mostrar que estava correto em suas colocações. Fica evidente a falta de um consenso em relação ao pertencimento racial da atriz Juliana Paes e o ator Marcos Palmeira, pois, muitos debates estenderam sobre essa questão. Mulheres que têm

---

<sup>14</sup> A protagonista da telenovela exibida no horário das 21h pelo Rede Globo, teve como protagonista a atriz Juliana Paes (que protagoniza Maria da Paz) que após ter que sair da fazenda do interior do Espírito Santo onde morava após o noivo ter sido baleado por alguém da família dela em pleno altar. Pois as famílias eram inimigas, ela da família dos Matheus e o ator Marcos Palmeira (Amadeu) da família dos Ramires, ambas famílias eram “justiceiras” e ao mesmo tempo rivais. Ela foi jurada de morte pela família dos Ramires e portanto, com ajuda de padrinhos conseguiu sair para outro lugar e assim, e conseguiu trabalho em casa de família em São Paulo, mas após descobrir gravidez foi mandada embora. Com seu talento para fazer bolos, se tornou dona de uma grande fábrica de bolos em São Paulo após passar tempos vendendo bolos nas ruas para se manter e poder criar a filha Joseane.

<sup>15</sup> Ver FULGÊNCIO, Caio. Da Cor Do Pecado: Uma Análise Sobre a Construção da Identidade Negra na Telenovela da Rede Globo. Revista Tropos, volume 6, número, edição de Dezembro de 2017. O autor Caio Fulgêncio é graduado em comunicação social pela Universidade Federal do Acre e não apresenta fotos no currículo lattes, nem no escavador.

filhos comentaram de modo a ressaltar a importância de conhecer a cultura de países africanos, portanto, não assistindo à Rede Globo, mas sim a canais que mostram a diversidade cultural de diversos povos. Tiveram homens que comentaram de modo a fazer um alerta sobre a complexidade do que é a imagem representada nas telenovelas. Pois é nítido que nesse entretenimento os negros apenas se relacionam com pessoas não negras, e em geral, as pessoas negras estão destinadas a trabalhos subalternos, quando não estão atuando como chefes do tráfico. O administrador Abasi, deixou seu argumento de que as telenovelas são assim, colocam negros nas tramas, mas sempre ao lado de brancos.

Em relação ao pertencimento étnico-racial da atriz Juliana Paes, basta pensar em que lugares do país onde ela seria lida como negra, de acordo com Oracy Nogueira (2006) sobre a situação do negro na sociedade brasileira, as pessoas que são lidas como negras, são pertencentes ao grupo que aparenta fenótipo negro. A concepção de branco e não-branco varia no Brasil, pois existe um fator relevante, que é o grau de mestiçagem, de um indivíduo para o outro, assim como a classe social e região a qual o indivíduo pertence (NOGUEIRA, 2006, p. 293-4). Desta forma, fica evidente que uma mulher que é atriz, apresenta uma pele clara, traços fenotípicos não negroides, e que, raras vezes aparece bastante bronzeada porque vive em um país tropical onde pele bronzeada é moda. Portanto, na minha concepção, a Juliana Paes é lida como branca na sociedade em que vive, a mesma análise cabe ao ator Marcos Palmeira. Um trabalho sobre a diversidade racial nas telenovelas da emissora Globo foi realizado pelo sociólogo Luiz Campos junto ao cientista político branco João Feres (2016), explicitou que a atriz Juliana Paes é considerada parda, assim como o ator Marcos Palmeira, segundo a análise dos autores. Quando havia a dúvida em relação a cor dos atores, Campos e Feres submetiam um conjunto de fotos dos atores para outros dois pesquisadores, no caso da dúvida ainda persistir, o critério de desempate foi a escolha por classificar a atriz/ator nas cores mais escuras que disputavam a dúvida (2016, p.41).

A terceira postagem é do administrador Abasi que discorre sobre a telenovela *Bom Sucesso*<sup>16</sup> exibida no horário das 19h pela emissora Rede Globo. A publicação feita por ele, recebeu vinte e nove comentários e cinquenta e quatro reações, dentre elas: cinco reações com “amei”, duas com “triste” e as demais quarenta e sete com o símbolo de “positivo”. Abasi argumentou:

OI...SEM POLEMICAS, É SO UMA PERGUNTA: Na semana passada houve um post questionando uma novela da globo q tá cheia de "negros/as" os homens são apaixonados pelas brancas, uma "negra" é mulher de cama de um branco safado, outra "negra" sustenta um branco vagabundo, o "negro" jovem é apaixonado por branca e tem uma lésbica, q também se relaciona com mulheres brancas. Eu também reclamei mesmo sabendo q a emissora trabalha pra escravização da mente preta, mas...tudo q acontece nessa novela,

---

<sup>16</sup> A trama começou a ser exibida pela Rede Globo em 29 de julho de 2019 a 24 de janeiro de 2020, em 155 capítulos

acontece aqui onde moro(São Luis-MA).Onde está o erro dessa dramaturgia se o q acontece com os/as "negros/as" é exatamente o q acontece na vida real e relações afetivas de "negros" não estaríamos passando o dolo pra vitima ao invés de condenarmos o comportamento de "negros" mucamizados!?!detalhe antes q apareçam os q acham q eu esteja preocupado com quem se dorme...é só um questionamento pra q eu aumente o meu entendimento sobre esse comportamento.

Os comentários teciam críticas aos relacionamentos inter-raciais de novelas passadas, recordavam de outras novelas e sobre a importância da não audiência à emissora Rede Globo. Houve comentários que lembraram que os comerciais apresentam casais inter-raciais ou inter-étnicos, mas não aparecem casais negros. Vários comentários argumentavam que o cinema e a TV como entretenimento, não quer ver negros juntos. Ou seja, os comentários mesmo quando escritos por outros membros, as posições são um tanto parecidas, pois, os membros que integram o espaço Pretoteca, apresentam-se incomodados com os papéis que pessoas negras são colocadas e sobre as relações dos personagens com os não negros. O autor Caio Fulgêncio (2017) escreveu sobre a novela *Da Cor do Pecado* e discorre sobre como é representado o casal Paco e Preta:

A questão do relacionamento inter-racial entre Preta e Paco, apresentado na trama como algo distante da realidade, apesar da história se passar na atualidade – a primeira fase no ano de 1996 e a segunda em 2004. Ter esse tipo de relação como mote de uma produção contemporânea acaba representando um retrocesso na medida em que denota – uma vez que não houve discussão sobre o tema – que a aproximação dos dois ainda pode ser um escândalo na sociedade. Além disso, o amor entre Paco e Preta é alvo, sobretudo na figura da mãe da heroína, de uma espécie de racismo ao contrário, o que pode ser extremamente prejudicial na representação do negro. Esse tipo de preconceito desvirtua completamente os papéis do oprimido e do opressor. Em um país que vivenciou mais de três séculos de escravidão, com reflexos presentes até os dias atuais, ver na televisão um branco sofrer preconceito, ser injustiçado, cria terríveis referenciais na luta por igualdade racial. (2017, p.12)

A “espécie de racismo ao contrário” é referência a Lita, mãe da personagem Preta, Lita opõe-se ao relacionamento inter-racial da filha, onde Preta refere-se a mãe dizendo que “Ela é cheia de preconceito”. Enquanto o Paco, o homem branco é colocado na trama como um homem tolerante, e bom, um verdadeiro príncipe de conto de fadas. A jornalista Jessyka Santos (2017) escreveu sobre a construção e consagração da mulata na mídia. A autora argumentou que a mídia brasileira, ao longo da história tem se especializado em divulgar a mulher negra a partir de determinados papéis sociais, e que estes são papéis estereotipados. Dentre eles aparece a figura da mulata como símbolo da democracia racial. Com isso, a autora explicita que a televisão não é apenas narrativa do real, mas sim, narrativa de toda uma construção da realidade, sobretudo, seguindo os parâmetros ideológicos da classe dominante. A partir desse argumento da Jessyka Santos, é possível ter um pensamento cristalino a respeito do que as classes dominantes pretendem ao criarem a imagem da mulher negra como “mulata” símbolo da harmonia racial e dona de beleza uma beleza “exótica”. Pois essas nomenclaturas racistas são também uma forma de apagamento da raça negra no país, o que impossibilita aos negros se enxergarem como um povo e ter um sentimento de comunidade negra. De acordo com as colocações da autora

Jessyca Santos (2017) é possível pensar as mulheres negras em diáspora brasileira, que não tiveram oportunidade de ocupar espaços de privilégios sociais. Com isso, ecoa na mente, a seguinte questão: Qual passabilidade as mulheres negras têm? Cogita-se em qual local uma mulher negra periférica haveria teria alguma posição onde sua atuação seja especial o bastante para das demais categorias que as impossibilitam de ocupar lugares de destaque, longe das perseguições raciais que as desumanizam, mesmo que por um curto período de tempo, que ambiente seria esse?

Akotirene (2018) escreveu sobre a diáspora africana brasileira, como espaço de poder e prestígio político das mulheres, poder das grandes mães que funciona estritamente nos terreiros de candomblé, espaço de resistência negra, afeto, laços de família e também hierarquia no qual a Iya-lorià tem em si os valores ancestrais culturas de África. Nesse mesmo trabalho, Akotirene (2018) salienta que nos terreiros de candomblé, a mulher torna-se mãe dentro da relação de ancestralidade, não nuclear, podendo ser matrilinear, nesse espaço, os filhos são filhos independentemente de laços sanguíneos e do estado civil. Com isso, é evidente que há um significado que possibilita colocar não apenas os homens adultos nesses espaços de prestígio, pois trata-se de oportunidades postas na família não-nuclear e não-heterossexual.

Jurema Werneck (2013) escreveu sobre a imagem das mulheres negras e como são representadas, a autora declarou que as mulheres negras não estiveram em momento algum da história invisíveis. E que o tema da invisibilidade precisa ser traduzido para a violência, para a tentativa de aniquilamento discursivo e físico, material. Pois o sistema racista patriarcal é uma estratégia de aniquilamento, e para manter-se no poder, as classes dominantes representam as pessoas negras em papéis estereotipados, por vezes reduzindo a história dos povos negros à escravidão, e sem valorizar as lutas e conquistas que deram certo. Para Werneck, as mulheres negras estiveram na história ocupando um papel criado pelo opressor, portanto, elas aparecem, porém em papéis que as reduzem a subordinadas e a história não contada é a das lutas e vitórias do povo negro.

O autor Fulgêncio (2018) recorre ao documentário do Joel Zito (2008) e relembra que a ideologia do embranquecimento, é muito presente nas produções televisuais no país, refere-se ao negro que não possui em si características que remetem propriamente ao povo negro, do ponto de vista da valorização cultural. Apesar da cor da pele, essas demais características estariam mais próximas das que povos brancos têm, dessa forma, muito mais valoriza-se atrizes e atores que tenham poucos fenótipos negroides. Vale ressaltar que são poucas as atrizes negras como a Cacau Potássio que é uma mulher negra gorda e tem fenótipos negroides acentuados.

Após a emissora Rede Globo ter sido notificada pelo Ministério Público, após denúncias de Institutos



como o Geledés, em relação a novela *Segundo Sol*<sup>17</sup> que foi gravada na Bahia e o elenco tinha poucos atores negros. A emissora passou a ter maior cuidado em compor o elenco das tramas para incluir a diversidade étnica. Portanto, o que as pessoas noveleiras (ou as pessoas que pesquisam o elenco), percebem a forma sutil em que o racismo estabelece-se nas mídias, quando coloca personagens negros que apenas relacionam-se com brancos. Assim, o grupo organiza-se para reconhecer a forma seletiva como a televisão, especialmente as novelas incorporam atores e atrizes negras. Ao começar a observar a “palmitagem” nos produtos culturais, os participantes do grupo Pretoteca pensam estratégias para criar novas formas de denunciar o racismo. Articulado (primeiro a si mesmos) e a família para não acreditar na imagem transmitida como o ideal, e que outras imagens poderiam melhor os representar. Como documentários, filmes ou séries que apresentam uma outra imagem das pessoas negras, sem estereótipos e que retratam a cultura dos povos negros.

---

<sup>17</sup> Ver GELEDÉS, <<https://www.geledes.org.br/queria-que-nao-fosse-mais-chamado-de-ator-negro-so-de-ator-diz-boliveira/>> 2018, acesso em 27/12/2019

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo explorar os modos de afirmação da identidade negra a partir da distinção valorativa entre relacionamento inter-racial e mono racial negro em um grupo afrocentrado que tem a proposta de incentivar a leitura sobre a história dos povos negros. A pesquisa foi apresentada com uma breve explanação do conteúdo que explica a questão do mito da democracia racial e sobre os estudos da negritude no país. O primeiro capítulo foi refletiu o modo como o grupo Pretoteca organiza-se, com o trabalho dos administradores de filtrarem as postagens e alguns conceitos fundamentais para a compreensão do campo virtual que foi o campo de investigação da pesquisa, para obter o foco em um determinado assunto que é constantemente debatido no grupo investigado, foram observadas as postagens durante o período três meses, que foram agosto, setembro e outubro, onde as mensagens eram em maioria voltadas para a questão do embranquecimento familiar e casais inter-raciais nas telenovelas da emissora Globo.

O segundo capítulo trouxe um reflexo da perspectiva de grande parte das pessoas que compõem o Pretoteca, que é justamente a ideia de que apenas a família negra é empoderada e reconhece a negritude. Enquanto a família inter-racial representa a violência racial instituída, por não haver por parte de todos os membros uma perspectiva de identidade de resistência (Castells, 2018). Como se o tema da postagem da Iara “*Filhos de pele clara*”, uma mulher que tem filhos de uma relação inter-racial e uma das mulheres respondeu que é filha de um casal inter-racial e o seu avô branco contava histórias de África e das princesas africanas quando ela era criança. E que obteve instruções sobre questões raciais por parte desse avô. Como na história no menino Eno, filho de um casal negro que não duvidava da negritude da sua mãe, mas não compreendia questões como o racismo e passou a perceber o que se passava na escola com o auxílio do avô negro.

O terceiro capítulo apresentou reflexões sobre o termo “palmitagem” e seus desdobramentos, tal como a solidão da mulher negra. O grupo destaca que as relações inter-raciais geram o branqueamento populacional, como se as pessoas negras que vivem com pessoas brancas fossem tornar-se pessoas que agem fora do que é “normal” ao grupo. Pois o ciberespaço permite a disseminação de informações e opiniões sobre tudo e todos, e de modo geral, o grupo apresenta uma postura bastante crítica sobre os relacionamentos das pessoas negras, inclusive de modo a defender a cultura negra e organização em todas as estruturas e instituições. O grupo entende que o povo negro é um povo solitário, sobre a solidão da mulher negra que é preterida tanto pelos homens negros como pelos brancos. E estudos como da Pacheco (2013) afirmam que tanto as mulheres pobres, classe média, classe média alta, ativistas e não ativistas, passam pela solidão afetiva e resignificam esse sentimento repensando outros projetos e afazeres.

O quarto capítulo revelou as impressões que os membros do grupo compartilham em relação a representação dos casais negros, principalmente em telenovelas. Esse assunto é o que mais detém um consenso entre os integrantes desse espaço, pois, as contribuições escritas revelam despreço em relação ao modo em que as mídias televisivas retratam a imagem das pessoas negras. As críticas são, em maioria, direcionadas às telenovelas, que empregam papéis ainda estereotipados para as pessoas negras, e assim, emerge o debate de que não é bom sempre que uma novela tiver pessoas negras essas pessoas estejam relacionando-se apenas com pessoas não negras.

Essa pesquisa foi um grande desafio como pesquisadora e integrante do grupo Pretoteca, porém, o resultado desse trabalho torna-se uma afirmação dos diversos posicionamentos e consensos que existem dentro de espaço de socialização negra. Assim como, um estímulo para diversos questionamentos sobre formas de pensar mediar certos debates e quais questões têm necessidade de haver um debate interno onde as pessoas possam entrar em um consenso. A experiência foi bastante enriquecedora em relação ao grupo em que a pesquisa foi realizada, pois perceber as divergências de posicionamentos entre os membros que compõem o espaço trouxe o dever de pensar as formas de explicar o porquê de certos posicionamentos. Assim como dar um direcionamento ao modo de se fazer pesquisa em ambiente virtual e apreender as questões que são pertinentes ao ambiente virtual escolhido para a pesquisa. Por fim, esse trabalho foi realizado para visibilizar questões complexas como o debate racial, as escolhas afetivas da população negra e os vínculos afetivos valorativos entre membros de um espaço afrocentrado.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG. Ed. Letramento. 2018.
- ALMADA, Sandra. **Abdias Nascimento: Retratos do Brasil Negro.** Editora Selo Negro. São Paulo. 2009.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2002.
- CAMPOS, A. Luiz. “O negro é povo no Brasil”: afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955). **Caderno CRH**, Salvador/BA, v.28, n.73, p.91-110. 2015
- CAMPOS, A. Luiz; FERES, Júnior, João. “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985-2014). **Plural**, São Paulo, v.23.1, 2016, p.36-52.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamerica de Ciencias Sociales**, 2010. P. 607-626.
- CASTELLS. Manuel. Paraísos comunais: Identidade e significado na sociedade em rede. In: **O poder da identidade.** Tradução: Klaus Brandidni Gerhardt. 9ªed. Editora: Paz&Terra RJ/SP 2018.
- CIPÓ, Roger. Palmitagem? Quando o termo é mais importante que o impacto do racismo na formação da afetividade preta. **Mundo Negro**, 2109. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/palmitaem-quando-o-termo-e-mais-importante-que-o-impacto-do-racismo-na-formacao-da-afetividade-preta/>> Acesso em: 16/08/2019.
- DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2008.
- ERVIN, Lorenzo. **Anarquismo e Revolução Negra.** Tradução e Notas Mariana Corrêa dos Santos (Coletivo Das Lutas) Revisão M. Ponciano, nov. 2015.
- FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas.** Editora UFBA. Salvador/BA, 2008.
- FULGÊNCIO, Caio. Da Cor Do Pecado: Uma Análise Sobre a Construção da Identidade Negra na Telenovela da Rede Globo. **Revista Tropos**, volume 6, número, edição de Dezembro de 2017.
- GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra. **Colorismo: o que é, como funciona.** 2015.
- GELEDÉS, **Queria que não fosse mais chamado de ator negro, só ator.** Diz Boliveira. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/queria-que-nao-fose-mais-chamado-de-ator-negro-so-de-ator-diz-boliveira/>> 2018, acesso em 27/12/2019

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

GROSSI, Miriam. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In: **Trabalho de Campo & Subjetividade**. Florianópolis: UFSC, Programa de Pos-Graduação em Antropologia Social, 1992. P. 7-18.

GUIMARÃES, A.S.A. Depois da democracia racial. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, 2006.

MOUTINHO, Laura. “Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Cadernos Pagu** (23), julho-dezembro de 2004, pp.55-88.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil, **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP 2006.

PACHECO, L.C. A. **Mulher negra: Afetividade E Solidão**. Editor: Edufba 2013.

PEREIRA, Bruna. **DENGOS E ZANGAS DAS MULHERES-MORINGA: VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DE MULHERES NEGRAS** (Tese) Brasília-DF, 2019.

RIBEIRO, Stephanie. Tu palmitas, e nós preteridas. **Blog Alma Preta**, 24/12/2016. Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editoriais/o-quilombo/tu-palmitas-e-nos-preteridas>> Acesso em: 21/12/2019.

SANTANA, Patricia. **Minha mãe é negra sim!** Ilustrações: Hyvanildo Leite. Editora Mazza. 2008.

SANTOS, Jessyca. **A construção e a consagração do personagem da mulata na mídia**. Monografia. Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió - Al, 2017.

SANTOS, Maria; QUEIROZ, Josiane; LUZ, Rafaela; OLIVERIRA, Samara. Desigualdades de gênero: a mulher negra no mercado de trabalho. **VII Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2017.

SANTOS, Wellington. Corra! Homem negro e relações inter-raciais na Diáspora. In: **Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. Anais Uberlândia-MG, 2018.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

SEGATA, Jean e RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura**. Brasília, 2016.

SERRA, Sophia. C. Raízes: **O Cabelo como Construção da Identidade das Mulheres Negras**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2016.

SIMAKAWA, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e ideologias de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade (dissertação) Salvador/Ba 2015.

SOBRAL, Cristiane. Retina Negra - Publica por Preta Acadêmica em 26 de abril de 2017.

SOUZA, Claudete. **A solidão da mulher negra** – sua subjetividade e seus preterimentos pelos homens negros na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado – PUC- SP, 2008.

TOMÁS, Maria. Resenha: HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **The color of love**: racial features, stigma & socialization in black Brazilian families. 1. ed. Austin: University of Texas Press, 2015. P. 311. *Relações Raciais nas Famílias*. R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v.33, n.3, p.703-710, set./dez. 2016.

WERNECK, Jurema. É preciso imagem para recuperar a identidade: Histórias de nós, mulheres negras e processos de aniquilamento. In: **Feminilidades: Corpos e sexualidades em debate**. Editora Merj, RJ, 2013.